

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA LÍNGUA E NO DISCURSO

UM OLHAR SOBRE AS CRÓNICAS DE
MIGUEL ESTEVES CARDOSO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA PORTUGUESA

– LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DO PORTUGUÊS –

MARIA SUSANA DE ALMEIDA DUARTE



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA LÍNGUA E NO DISCURSO

UM OLHAR SOBRE AS CRÓNICAS DE
MIGUEL ESTEVES CARDOSO

Dissertação de Mestrado em Linguística
Portuguesa de Maria Susana de Almeida
Duarte, sob a orientação da Professora
Doutora Olívia Figueiredo.

Ao Pê

«Uma língua é o lugar donde se vê o mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a nossa inquietação.»

Vergílio Ferreira, *Conta Corrente*

Agradecimentos

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto, estabelecimento de ensino onde concluí a minha licenciatura em LLM, na variante de Estudos Portugueses e Franceses e que posteriormente elegi para a realização deste mestrado – pela qualidade de infra-estruturas, corpo docente e organização exemplares.

À minha então coordenadora do curso de mestrado, Professora Doutora Irene Fonseca, pelo profissionalismo e dedicação. E à actual, Professora Doutora Graça Pinto, pelo trabalho desempenhado.

À Professora Doutora Olívia Figueiredo, minha orientadora, apresento os meus particulares agradecimentos pelo apoio e disponibilidade prestados, e ainda pelas valiosas sugestões e acompanhamento constante ao longo da construção desta dissertação.

A todos os meus verdadeiros amigos, por me terem oferecido um pouco deles próprios através da sua absoluta e sincera amizade.

Aos meus pais, pela educação que me proporcionaram e pela ternura em que me envolveram.

À minha irmã pelo ser que é.

Ao meu marido, pelo amor incondicional.

Índice

AGRADECIMENTOS	5
ÍNDICE	6
LISTA DE ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	8
PARTE I	12
AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO DISCURSO / NO TEXTO	12
1 - ADAPTAÇÃO FLEXIONAL EM CONTEXTO DISCURSIVO	15
2 - CONTRIBUTOS MODALIZADORES DA EI SOBRE O DISCURSO RELATADO ..	41
2.1.1 A EI CONDICIONA O VERBO INTRODUTOR	45
2.1.2 A EI SUBSTITUI O VERBO INTRODUTOR	53
2.1.3 A EI CARACTERIZA O ENUNCIADOR-PRIMEIRO	59
2.1.4 A EI CONDENSA O DISCURSO PRIMITIVO	62
2.1.5 AS EIS (GRAFICAMENTE MARCADAS) DENUNCIAM A PRESENÇA DO LOCUTOR-RELATOR	68
3 - CONTRIBUIÇÃO REFERENCIAL DA EI NA ESTRUTURAÇÃO TEXTUAL	74
3.1.1 CONTRIBUIÇÃO ANAFÓRICA DA EI	75
3.1.2 CONTRIBUIÇÃO CATAFÓRICA DA EI	92
PARTE II	97
AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA AULA DE PORTUGUÊS	97
1 - O ENSINO DA GRAMÁTICA ATRAVÉS DAS EIS	98
2 - FICHAS DE TRABALHO	101
3 - REFLEXÃO PEDAGÓGICO-DIDÁCTICA	116
CONCLUSÃO	120
CORPUS	125
BIBLIOGRAFIA	141

LISTA DE ABREVIATURAS

A.	Autor
DD	Discurso Directo
DDL	Discurso Directo Livre
DI	Discurso Indirecto
DIL	Discurso Indirecto Livre
DR	Discurso Relatado
EI	Expressão Idiomática
MEC	Miguel Esteves Cardoso
UF	Unidade Fraseológica

Introdução

«A minha função não é criar – é presenciar. Não é tanto ser esperto, como despertar. Fico feliz, não quando invento, mas quando descubro. A minha missão não é achar no sentido de quem opina. É achar no sentido de quem encontra. Não é abrir nem fechar – é tentar ver e querer revelar.»

Miguel Esteves Cardoso, 1999: xi

Os verbos sublinhados em epígrafe pretendem denotar não só o espírito subjacente à elaboração deste estudo, mas também os vários momentos e estádios que procuraremos atravessar. Em primeiro lugar, será nossa pretensão dar conta da **presença** de um vasto número de expressões idiomáticas¹ em textos autênticos, comprovando assim que «l’idiomatisme ne

¹ É, ainda hoje, muito frequente encontrar amalgamados os significados de ‘frases feitas’, ‘clichés’, ‘expressões fixas’, ‘expressões cristalizadas’, ‘expressões congeladas’, ‘idiotismos’, ‘aforismos’, ‘expressões populares’, ‘modos de dizer’, entre outras terminologias, sem que nada (ou muito pouco) nos permita discernir com clareza e segurança propriedades linguísticas específicas de cada um, quer a nível semântico, quer sintático.

Vilela (2002a:159) reúne, neste âmbito, uma interessante panóplia de designações geralmente associadas a estas construções lexicalizadas, cujos núcleos nominais assentam em: «idioma (idiotismo, idiomatismo), expressão (expressão idiomática, expressão figurada), frase (frases feitas, fraseologia, fraseologismo verbal/ nominal/ adjectival/ adverbial, fraseologia, frases estereotipadas), grupo (grupo fraseológico), locução (locução verbal, locução nominal/adjectiva, locuções figuradas), modo (modos de falar, modismo), sintagma (sintagma fixo e também sintema) [...]»

Não cabendo no âmbito deste trabalho procurar desenlear os eventuais matizes ou prováveis subtilezas subjacentes às diferentes terminologias, utilizaremos indiferentemente algumas das designações acima mencionadas como sinónimas de expressões idiomáticas,

peut pas être un signe marginal et secondaire» (Gréciano, 1984:109)², mas antes de uma importância indiscutível na língua. Em segundo lugar, gostaríamos com esta análise de **despertar** o interesse para a realização de futuros trabalhos de investigação nesta área, até agora tão descurada no nosso país, como no-lo denuncia a escassa ou quase nula bibliografia em língua portuguesa. **Descobrir** nas fraseologias «novas propriedades que lexicalizam, apontando, nessa redescoberta, sobretudo, para a esfera da expressividade [...], emoções, atitudes, interpretações subjectivas, comportamentos» (Vilela, 2002a:161) será a nossa terceira meta a atingir. Por fim, procuraremos através desta dissertação **encontrar** razões plausíveis e credíveis sobre a riqueza intrínseca às expressões fixas que se prendem com as suas múltiplas propriedades, potencialidades e funcionalidades na língua e no discurso, **revelando**-se-nos, assim, de mão beijada, uma das preciosas relíquias do nosso património linguístico.

Posto isto, cabe-nos *revelar* ainda, a partir deste momento, a estrutura geral deste trabalho, dividido em dois capítulos:

- As Expressões Idiomáticas no Discurso/Texto
- As Expressões Idiomáticas na Aula de Português

e, seguidamente, de forma mais pormenorizada, proceder à sua especificação.

de forma a evitar repetições e, consequentemente, conferir ao nosso discurso maior leveza quer estilística, quer sintáctico-semântica.

² Citado por Vilela, 2002a:160.

No primeiro capítulo deste estudo, subdividido por sua vez em três subcapítulos, pretendemos analisar e avaliar o comportamento das expressões idiomáticas quando integradas no discurso/texto. Quais espectadores de uma peça de teatro, assistiremos com redobrada atenção à sua actuação e desempenho em palco – no texto/discurso –, observando em que medida elas se adaptam, se desdobram e assumem múltiplos papéis e facetas distintas – sempre subjugadas às indicações e intenções do encenador-locutor.

No primeiro subcapítulo, designado *Adaptação flexional em contexto discursivo*, será nosso propósito, por um lado, desmentir a ideia comumente aceite de que a expressão idiomática se constitui como um segmento linguístico fixo e congelado, e, por outro lado, analisar a sua permeabilidade quer à entrada de vários e diferentes elementos linguísticos externos ao seu conteúdo idiomático, sempre sem prejuízo para a sua correcta detecção e interpretação por parte dos falantes, quer à forma como generosamente se desfixionam e se adaptam à intencionalidade do locutor.

Ao longo do segundo subcapítulo, intitulado *Contributos modalizadores da expressão idiomática sobre o discurso relatado*, observaremos, sistematizaremos e demonstraremos que as expressões idiomáticas se comportam de forma quase inacreditável ao serviço do discurso relatado, pois, encerram em si mesmas o poder de não só condicionar o verbo introdutor, mas também de o substituir. Permitem também condensar todo o discurso proferido pelo enunciador-primeiro e até mesmo proceder à

caracterização deste último. Veremos, ainda, como a sua presença no texto/discurso denuncia as marcas do eu-relator.

Por fim, no terceiro subcapítulo, denominado *Contribuição referencial da expressão idiomática na estruturação* textual, procuraremos reflectir e avaliar as mais valias que os diferentes procedimentos e mecanismos anafóricos e catafóricos veiculados pelas expressões idiomáticas acrescentam às diferentes intencionalidades discursivas e propósitos comunicacionais do enunciador. Temos também por objectivo verificar e analisar a forma como as fraseologias se integram semântica e sintacticamente no discorrer argumentativo-discursivo do locutor.

No segundo capítulo, *As Expressões Idiomáticas na Aula de Português*, apresentaremos algumas propostas pedagógicas sobre como ensinar gramática através das expressões idiomáticas, propostas estas materializadas em oito fichas de trabalho. Faremos, por fim, algumas reflexões sobre o estado actual do ensino da Língua Portuguesa, particularmente sobre a forma como os alunos e professores encaram o ensino/aprendizagem da gramática.

Na génese deste segundo capítulo estará presente uma das grandes pretensões que acalentamos – o desejo de que as expressões idiomáticas, pela sua riqueza e constituição façam parte da aula de Português e nomeadamente do universo linguístico dos alunos. Mais... Que, soando *como música para os seus ouvidos*, nunca se *varressem das suas memórias*, e que, *ao sabor da pena* e da intencionalidade comunicativa *marcassem* sempre *presença na ponta das suas línguas...*

Parte I

As Expressões Idiomáticas no Discurso / no Texto

«Os fraseologismos (como acontece aliás com todo o léxico) apenas têm existência no texto, no discurso. Afinal, o léxico representa a massa de que se compõe o texto e, por sua vez, este é o depósito de que aquele se alimenta: *nihil est in lingua quod prior non fuerat in textu*».

Mário Vilela

Procuraremos, neste capítulo, corroborar as asserções em epígrafe, dando conta de que as expressões idiomáticas só quando integradas em contexto discursivo/textual fazem sentido e, fraseologicamente falando, *mostram toda a sua raça* – força ilocutória –, pois, possuem *um sem número* de extraordinárias potencialidades e funcionalidades, actualizadas de acordo com os contextos de enunciação.

Para levar a bom termo esta tarefa – ou, como quem diz, para *levar a água ao nosso moinho* – optámos por trabalhar textos escritos autênticos – mais especificamente, algumas crónicas – de Miguel Esteves Cardoso³.

Assim, as cinquenta e oito crónicas que integram *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*⁴ e as cento e uma coligidas em *A Causa das Coisas*⁵ foram as intencionalmente seleccionadas, de entre as várias que o autor tem publicadas. A intencionalidade subjacente à escolha destas duas obras

³ Doravante citado por MEC.

⁴ CARDOSO, Miguel Esteves, 1999. *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, 6ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

⁵ CARDOSO, Miguel Esteves, 2002. *A Causa das Coisas*, 17ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

prende-se não só com razões de ordem pessoal, uma vez que apreciamos particularmente estes textos, mas também porque, após um apuramento atento e rigoroso, concluímos que – não desprestigiando outras obras do A. – são aquelas que melhor se prestam na demonstração daquilo que levaremos a cabo já a seguir.

Antes, porém, de encetarmos a nossa análise sobre as potencialidades e funcionalidades das EIs em contexto discursivo, julgamos pertinente salientar (constituindo uma abonação a favor do A. em questão) que MEC é um escritor exímio no uso que faz das «expressões consideradas “ínvias” da língua» (Vilela, 2002b:208). É com muita graça e mestria que o A. constantemente *as traz a lume* nos seus escritos, proporcionando ao leitor, por vezes, *rir a bandeiras despregadas*⁶.

Reflectiremos, a partir deste momento, sobre as EIs em acção, isto é, no discurso, ilustrando como estas podem *dar azo* a múltiplas adequações por força do co(n)texto e da intencionalidade comunicativa.

⁶ Em *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* e em *A causa das Coisas*, MEC, em tom irónico-delicado, revela o seu inconformismo perante o estado actual da sociedade portuguesa. Ao mesmo tempo que ataca o provincianismo luso, vangloria povos mais civilizados (todos os que não são portugueses), tendo por objectivo agitar a tranquilidade dormiente em que o espírito lusitano se encontra submergido. A propósito do seu povo, o próprio autor afirma o sentimento que nutre por ele: «povo de quem tenho dito tão mal, mas que prezo e respeito também.» (2002:56)

1 - Adaptação flexional em contexto discursivo

A noção de EI comumente entendida como unidade fixa e cristalizada na língua revela-se parcialmente falsa quando integrada no discurso e, ou, no texto. De facto, se nos detivermos atentamente a ler um artigo de opinião, um texto literário, um anúncio publicitário ou qualquer outra forma de manifestação discursiva oral ou escrita, aperceber-nos-emos de que a esmagadora maioria das EIs, quando usadas, sofrem algum tipo de desfixação por adaptação, quer à orientação argumentativa quer ao co(contexto) imediato.

O todo «codificado e convencional» (Figueiredo, 2001c:189) que constitui a expressão idiomática, ou seja, o bloco segmental idiomático admite não só a elisão de alguns dos seus elementos constitutivos, mas também uma grande variedade de intromissões dentro do seu núcleo. Este duplo desmembramento da EI permite-lhe *prestar serviço* às mais variadas intencionalidades comunicativas e *marcar presença* em diferentes tipologias textuais.

Pretendemos desmontar, de seguida, a ideia de fixidez atribuída à EI, demonstrando, por um lado, a sua capacidade de prescindir de algumas das suas sequências internas e, por outro lado, a sua grande permeabilidade a vários elementos linguísticos a ela externos – sempre sem prejuízo da sua interpretação metafórica armazenada na enciclopédia mental dos falantes.

Nos textos de MEC, a adequação do fraseologismo ao cotexto/contexto dá-se maioritariamente ao nível do verbo, podendo este surgir nas formas nominais de:

Infinitivo Impessoal:

«Diz o especialista logo no primeiro parágrafo da sua obra: “Hoje, graças a Deus e à SIDA, ninguém saca ninguém, ninguém quer **saltar para a espinha** de outrem.» (2002:53)

«À célebre frase de Sartre, segundo a qual “O Inferno são os outros”, falta acrescentar duas palavrinhas: “ao pequeno-almoço”. (Será que a razão de ser da expressão portuguesa “mata-bicho” esteja na vontade indomável que se sente, logo de manhã, de **matar o bicho** com que inexplicavelmente dormimos?)» (2002:54)

«É preciso **pôr** as coisas **em pratos limpos**.» (2002:141),

Infinitivo Pessoal:

«Para não nos **enterrarmos até ao pescoço** [...] convirá adoptar regras severamente divisórias e separatistas.» (2002:176)

«Pensam que a NATO e a CEE são estratégias dos americanos e europeus para “**deitarem as mãos a isto**” (a este tesouro).» (2002:192)

«Os Portugueses são muito dados à pancadaria quando existem garantias de não **comerem pela mesma medida**.» (1999:183),

e Gerúndio:

«Falando insistentemente nos “países africanos de expressão oficial portuguesa” e **virando as costas** à Europa do Faroeste [...].» (2002:190)

«Quando me lembro assim de um amigo meu, procurando toda a minha lembrança dele, **fazendo força na cabeça**, faço fé no meu coração [...].» (1999:110)

«(O amigo) É aquele que, em nome da amizade, aguenta com as dúvidas e diz, **partindo para a batalha**: “Isto vai acabar mal, mas tu lá sabes...”» (1999:114)

«Recebemo-los de braços abertos, chamando-lhes afectuosamente “retornados” e **atirando-lhes pedregulhos**.» (1999:199).

As EIs admitem ainda a conjugação do verbo em diferentes modos e tempos verbais:

Indicativo:

Presente:

«[...] **nem** tão-pouco **passa pela cabeça de alguém** [...]» (2002:53)

«Hoje em dia fala-se do amor [...] que **não aquece nem arrefece**.» (2002:36)

«Shhh...-digo, – “não olhes agora, são portugueses”. **Rimo-nos para dentro** e **passamos ao largo**.» (1999:170)

Pretérito Perfeito:

«Os Portugueses estão prontos a admitir. O pluralismo **subiu-lhes à cabeça**.» (1999:119)

«As construções clandestinas, levantadas e vendidas pela famosa classe portuguesa dos *patos bravos*, **foram por água abaixo**.» (2002:172)

«**Passei a pente fino** as melhores livrarias de Lisboa.» (1999:81)

«A palavra já tinha sido introduzida e a partir de aí nunca mais **saiu de jogo.**» (1999:187)

Pretérito Imperfeito:

«Eu e os meus amigos **ficávamos especados** à frente do comboio de Cascais.» (1999:31)

«O pobre maquinista apitava, os pulmões doíam, tinha-se a certeza que se ia morrer, mas só se **morria de medo.**» (1999:31)

«A noite já tinha caído. **Os dados estavam lançados.**» (1999:103)

Futuro Imperfeito:

«Os Portugueses **regularão bem da cabeça.**» (1999:66)

Condicional:

Presente:

«Raparigas a quem **não passaria pela cabeça** pentearem-se à mesa, ou fazer fiska com as alças do *soutien*.» (1999:145)

«Por outras palavras, se os 282 320 homens são alcoólicos, quem **poria as mãos no fogo** acerca dos outros 4 460 204 anjinhos?» (2002:37)

Imperativo:

Presente:

«Não **seja troca-tintas**, amando o afilhado como um filho [...].» (1999:13)

«Toda a gente faz falta a toda a gente. **Olhe à sua volta.**» (1999:18)

«Ao menos uma vez na vida, em nome de todos os homens portugueses **tenham dó** e desenchumacem-se.» (1999:148)

Conjuntivo:

Presente:

«Depois de deusas como Agustina e Amália, não há uma única mulher portuguesa que não **seja de armas.**» (1999:38)

Futuro Imperfeito:

«Se **lermos nas entrelinhas**, a mensagem é, claramente, "é bem feito que é para não andarem aí em poucas-vergonhas!"» (1999:69);

«Hei-de chamar nomes horríveis, repetidamente, aos funcionários, políticos e outros empregados empertigados que não **me caírem no goto**, no ouvido.» (1999:43)

Por inerência ao ponto anterior sobre conjugação verbal, o verbo pode surgir flexionado em número e pessoa⁷:

1ª pessoa do singular:

«**Na minha cabeça tenho** uma listinha com os nomes e as moradas de todas as pessoas que mas hão-de pagar.» (1999:43)

⁷ Constatámos um maior número de ocorrências do verbo flexionado na 1ª pessoa do singular, o que se deve ao facto de o "corpus" em questão (crónica) retratar a tomada de posição do Autor-locutor.
Não encontrámos EIs flexionadas na 2ª pessoa do plural.

«As pessoas ficam “horrorizadas”, acham “um nojo” e não sei que mais. Mas eu **estou do lado dos** velhos.» (1999:45)

«Já **trago** esta frase **em mente** há vários meses.» (1999:97)

«Não há nada mais triste do que ouvir alguém dizer [...] “Sabe, é que eu já **estou** muito **queimado**, já levei muita pancada...” (1999:106)

«No momento em que **tiro os olhos dela**, desaparece.» (1999:109)

«Como um soldado cheio de medo, escondido na minha trincheira, **varro-a da memória**.» (1999:110)

2ª pessoa do singular:

«No meu sonho nada evolui. Eu estou sempre como agora. Tu não **sais** nunca **da** minha **frente**.» (1999:3)

3ª pessoa do singular:

«Os portugueses ou ficam em último lugar ou em primeiro. [...]. A grande maioria **acerta as agulhas** pelo mais inábil dentre eles.» (2002:175)

«Ninguém **trabalha para aquecer**.» (1999:97)

«Em Portugal, desde tempos imemoriais, tudo **está por um fio**.» (2002:251)

1ª pessoa do plural:

«Não **trabalhamos para aquecer**.» (1999:178)

«Quando nós **nos perdemos de amores por alguém**, dizemos (e nitidamente sentimos) que nos apaixonamos.» (2002:209)

«**Andamos todos às aranhas**, e aos rabos das serpentes, e às asas de morcego [...].» (2002:211)

3ª pessoa do plural:

«Perante esta mediocridade tão artificiosa, em que muitos cidadãos **dão tudo por tudo** para dar o menos possível [...]» (2002:173)

«Pensam que a NATO e a CEE são estratégias dos americanos e europeus para “**deitarem mãos a isto**” (a este tesouro).» (2002:192)

«O passageiro português raciocina “Isto vem incluído no preço do bilhete – e **raios me partam se** eu não hei-de comer aquilo que eu paguei cá com o meu dinheirinho.”» (2002:221).

O fraseologismo integrado no texto/discurso admite, por outro lado, ainda ao nível do verbo, a sua deslocação/movimentação à direita, quer:

no meio do segmento idiomático:

«Se alguém se atreve a chupá-los à nossa frente é muito provável que **o estômago nos suba à boca**⁸.» (1999:140),

quer no final do todo fraseológico:

«**Na minha cabeça tenho**⁹ uma listinha com os nomes e as moradas de todas as pessoas que mas hão-de pagar.» (1999:43)

«Se há um problema a resolver, o Português arranja maneira e faz umas habilidades [...] e, por portas e travessas, graças a **um esquema que montou**¹⁰ o primo, lá faz a coisa.» (1999:152)

⁸ A expressão fraseológica é **Subir o estômago à boca.**

⁹ A expressão fraseológica é **Ter na cabeça.**

¹⁰ A expressão fraseológica é **Montar um esquema.**

«Nem uma palavra se trocou¹¹.» (1999:252)

«Esbanjar é um privilégio de quem tem muita **massa para queimar**¹².» (2002:165)

«Comparem-se as **figuras** que **fazem**¹³.» (2002:39)

«É **uma fineza** que se **faz**¹⁴ a quem não se pode amar [...].» (2002:53)

«[...] e a fealdade, berrante e aberrante, dos **ovos podres** que **põem**¹⁵ por todo o lado.» (2002:57)

«[...] também não se há-de arranjar sair **deste poço** cultural em que **caímos**¹⁶.» (2002:25).

Ocorre, por vezes, a substituição do verbo pertencente ao segmento metafórico por outro, mais modalizado e expressivo:

«Este começo de combustão, [...] é agravado pelo facto dos novos governantes **sentirem** (terem) **as costas muito quentes**¹⁷.» (2002:257)

«Por isso é que Portugal **continua** (está) **em águas-de-bacalhau**¹⁸.» (2002:277)

«Deste modo, os telespectadores teriam a consolação [...] de ver **descer** (levar) **uma boa martelada na cabeça**¹⁹ de qualquer infractor.» (2002:26),

ou, ainda, o mesmo fraseologismo servir-se de dois verbos sintáctica e semanticamente compatíveis com o restante segmento idiomático:

¹¹ A expressão fraseológica é **Trocar/ Não trocar palavras com alguém.**

¹² A expressão fraseológica é **Queimar massa.**

¹³ A expressão fraseológica é **Fazer figuras.**

¹⁴ A expressão fraseológica é **Fazer (a) fineza.**

¹⁵ A expressão fraseológica é **Pôr ovos podres.**

¹⁶ A expressão fraseológica é **Cair no poço.**

¹⁷ A expressão fraseológica é **Ter as costas quentes.**

¹⁸ A expressão fraseológica é **Estar em águas de bacalhau.**

¹⁹ A expressão fraseológica é **Levar uma martelada na cabeça.**

- «**Leu de trás para a frente** o Beckett e o Borges [...].» (1999:214) /
«**Conheço de trás para a frente** [...].» (1999:214);
- «Para não nos **enterrarmos até ao pescoço.**» (2002:176) /
«Aprenderam a viver **mergulhados até ao pescoço.**» (2002:174);
- «Os adultos **batem as pestanas** à volta dos bebés, [...].» (1999:73) /
«[...] que **queimou muitas pestanas** à luz do microscópio.» (1999:206).

A adequação do fraseologismo ao texto/discurso revela-se também pela elisão quer do verbo:

«Enquanto Portugal não retoma o gosto de casar, pode ir experimentando, alegremente, cheio de problemas e de medo, mas **nas tintas para** isso tudo.» (1999:82)²⁰

«A saudade é um disparate, um estado de excepção, uma coisa passageira que se tem de curar. É uma anemia. É um **parafuso a menos.** É falta de vitaminas.» (1999:20)²¹

«Um Porsche *neccaro*. Imagine aquelas longas noites do jovem Fernando Porsche, sentado ao estirador, com **o estômago a dar horas** e o Hitler ao telefone, a fazer os primeiros esboços.» (1999:206)²²

²⁰ A expressão fraseológica é **Estar nas tintas para algo ou alguém.**

²¹ A expressão fraseológica é **Ter um parafuso a menos.**

²² A expressão fraseológica é **Estar/Ter o estômago a dar horas.**

«Perguntem-me se eu fosse governante deste país, quanto dinheiro é que eu daria aos jovens portugueses [...]. Vá, perguntem-me. **Nem um tuste**²³. Eles que o ganhem.» (1999:45)

«Os juízes geralmente respeitam a velhice. “Ó senhor Juiz, desculpe, mas quando roubei este Porsche não sabia que ia fazer falta aos patos da tia Benta...” “Da Tia quê?”, pergunta o juiz, confuso. “O homem está senil!”, diz o jovem advogado. E pronto. Mais uma **no bucho**.» (1999:46)²⁴

«O amor e a memória conspiram juntos. É por não nos conseguirmos lembrar de quem amamos que temos de estar sempre junto dela. A olhar para ela. Cada vez que a vejo sou apanhado de surpresa. **Baque** do costume.» (1999:109)²⁵

«A memória não é uma vontade. Não me lembro do que quero. [...] Só nos lembramos do que nos ocorre. **Bestas. Molengas**. Achamos que a memória não se deve forçar. **Friques**.» (1999:110)²⁶

«Em pleno Campeonato do mundo, **a braços com** uma nova reforma ortográfica, [...], é difícil acreditar que mesmo o ateísmo e o tiro aos pombos não estejam neste momento num auge da sua história.» (2002:26)²⁷

«Existem até “pentes” de alcatifa, [...] e, de um modo geral, uma escusadíssima **figura de parvo**.» (2002:11)²⁸,

²³ A expressão fraseológica é **Não ter (nem) um tuste**.

²⁴ A expressão fraseológica é **Levar no bucho**.

²⁵ A expressão fraseológica é **Ter/Dar um baque**.

²⁶ As expressões fraseológicas são, respectivamente:

Ser uma besta

Ser um molenga

Ser frique

²⁷ A expressão fraseológica é **Estar a braços com** algo.

²⁸ A expressão fraseológica é **Fazer figura de parvo**.

quer de sequências nominais exigidas pela EI:

«**Matar coelhos à cajadada**» (1999:227)²⁹

«**Confundir alhos com** seja o que for» (2002:55)³⁰.

Por último, o verbo constitutivo da fraseologia pode surgir no discurso precedido por um verbo auxiliar, como que prolongando o enunciado idiomático:

- «Num clima como o nosso, a insistência mórbida em cobrir os nossos atributos com quilómetros de flanela há-de sair-nos cara.» (1999:90)

- «Haverá algum estranho químico na água canalizada de Estrasburgo, infiltrada pelos laboratórios Jacques Delors, que anda a virar a cabeça dos nossos deputados?» (1999:221)

- «A relação entre o homem português e a mulher é vista (pelo homem), como a relação que tem cada um com a sua consciência. E ao passo que cada um pode andar na boa vai-ela.» (2002:213)

- «Os portugueses deixam meter muita água e aprenderam a viver mergulhados até ao pescoço, já com uma certa condensação nos queixinhos.» (2002:174)

- «Que podem importar as repercussões de tantos percursos, se são cada vez menos audíveis as percussões daqueles pobres diabos sem percursos que continuam sempre a bater na mesma tecla?» (2002:225)

- «Para além disso, os brasileiros fazem falta. Dão-nos alegria, perícia, sentimento. São fantasmas de

²⁹ A expressão fraseológica é **Matar dois coelhos com uma cajadada só.**

³⁰ A expressão fraseológica é **Confundir/Misturar alhos com bugalhos.**

portugueses perdidos. Devemos **tomá-los nos braços**, trabalhar com eles, [...].» (1999:201).

Após este levantamento sobre a desfixação e a adaptação a nível verbal, demonstramos, de seguida, que a inclusão no texto/discurso de uma expressão congelada pode provocar, concomitantemente, um leve *descongelar* pela intromissão/entrada de um ou de vários elementos exteriores ao segmento cristalizado, nomeadamente:

formas adverbiais:

«Nisto de **não ir** (muito) **à bola conosco**, verificamos com espanto que os leitores são muito mais parecidos com os jornalistas do que pensávamos.» (1999:238)

«Confesso. Às vezes, quando **estou** (um pouco) **em baixo** [...].» (1999:242)

«As outras mulheres atraem-no sempre contra vontade, e ele, coitado, não se consegue defender e **vai-se** (instantaneamente) **abaixo**.» (2002:213)

«Num jogo de futebol, disputado nos tais estádios, é quase certo que das 25 pessoas em campo uma delas **se meta** (gravemente) **nos copos**.» (2002:37);

formas adjectivais:

«Os crescidos, nos raros momentos em que se satisfazem, **fazem** (uma grande) **fita**.» (1999:73)

«Bem posso **montar-lhe o** (mais terrível) **cerco** de ameaças e bombons que a humanidade já conheceu [...].» (1999:53)

«Às vezes quando [...] me ponho a somar os milhares de contos e os anos de prisão que este Governo gostaria de me **arrancar do** (jovem) **lombo**, [...].» (1999:242);

formas modais:

«O gato mia. Impaciente, ingrato, impiedoso, egoísta. Como quem diz: “**Mexe-me** (lá) **esse rabo** e serve-me a comidinha!”» (1999:250)

«É escusado **estar** (cá) **com manias** europeias mais que ultrapassadas.» (1999:201);

modificadores de lugar:

«O outro confirma [...]: “É verdade...ainda ontem estive à beira de ganhar dois mil contos e hoje já **anda** (aí) **aos caídos** à procura de uma pomada para o pulguedo...”» (1999:254)

«*Anteceder* é, como indica a própria palavra, ceder antes do tempo. É entregar um trabalho ou ter uma ideia *antes de ele ser realmente necessário*. **Fica** (para lá) **a apodrecer**.» (1999:97)

«Se lermos nas entrelinhas, a mensagem é, claramente “É bem feito que é para não **andarem** (para aí) **em poucas-vergonhas**.» (1999:69);

o sujeito frásico:

«E **desbarriga-se** (a farmácia toda) **a rir**.» (1999:253);

e segmentos apositivos:

«Sai-nos caro e **sai-nos** (, mais concretamente ainda,) **do pêlo**.» (2002:165)

«O que mais **fazemos**, (se a isso formos forçados), **é arranjos**.» (1999:244).

«[...]», nem tão-pouco passa pela cabeça de alguém **meter o nariz** (ou qualquer outra parte do corpo) **onde não se é chamado.**» (2002:53).

Este processo de descongelamento ou desfixação da EI desencadeado, como acabámos de observar, pela intromissão/entrada de elementos vários pode ocorrer, por outro lado, pelo viés da reconstrução contextual e intencional de que o enunciado fraseológico é muitas vezes alvo³¹:

³¹ Também os provérbios e as fórmulas comunicacionais se prestam à reconstrução por parte de MEC. Exemplos de reconstruções proverbiais:

Mais vale quebrar do que torcer: «Não é tão arrogante, tão armado em ser mais de quebrar que torcer.» (1999:65)

Quem desdenha quer comprar: «Quem se queixa não se compraz.» (1999:72)

Quem vê caras não vê corações: «Que é como quem diz: quem vê caras não vai comer bifeinhos de corações.» (1999:141)

Para grandes males grandes remédios: «Os grandes males têm o inconveniente de requerer grandes remédios.» (2002:195)

Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és: «Diz-me que monos tem um país, e dir-te-ei que país é.» (2002:188)

Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje: «Não deixes de deixar para amanhã o que já ontem deixaste para hoje.» (2002:278)

Devagar se vai ao longe: «A ciência moderna, porém, permite atestar que devagar mais depressa se vai ao ar do que ao longe.» (2002:279)

Mais vale tarde do que nunca: «[...] para os portugueses não há nada, nem cedo, nem a horas, nem a tempo, que valha mais do que tarde.» (2002:279)

Por morrer uma andorinha não se acaba a Primavera: «Na Neura pode acabar a Primavera só por se constipar uma andorinha.» (2002:193)

No poupar é que está o ganho: «Em suma: no assumir é que está o ganho» (2002:30);

E, ainda, de fórmulas comunicacionais:

Um mal nunca vem só: «Embora um mal muitas vezes venha realmente só, os portugueses preferem acreditar que um mal nunca vem só [...]» (2002:139)

Quem fala assim não é gago: «Desafio Torga a mostrar-me no mapa da província onde é que se fala assim sem ser gago.» (2002:285)

Dar tempo ao tempo: «O tempo que se deu ao "Tempo" ao longo destes 800 anos [...]» (2002:277).

«Portugal está a ficar suíço. Precisam-se urgentemente de Portugueses **com narizes aos quais a mostarda possa facilmente subir.**» (1999:120)³²

«É uma tragédia. Os Portugueses **venderam a alma à Europa.**» (1999:119)³³.

«E lá **vem ele pelo poço abaixo**, antecedido por uma avalanche de pedregulhos [...].» (1999:13)³⁴

«É indigno ouvir **verter mágoas, águas e alguidares cheios de azeitonas.**» (1999:183)³⁵

«Os emigrantes de ontem foram substituídos pelos eurodeputados de hoje. [...]. São, na acepção mais carinhosa do termo, parolos. Digo-o com ternura. Saem daqui **sem** do mundo **terem visto mais que a Sé de Braga**, o Rossio ou sete dias de Londres no programa Londres 2000 da Abreu.». (1999:230)³⁶

«A verdade é que a nossa parolice, onde se inclui a nossa basbaquice por uma Europa que já existe, e à qual já pertencemos há 500 anos, **não só nos chega como nos sobra.**» (1999:232)³⁷

«Odeio o povo. O povo é sereno. Sereno como uma pedra. Sereno como duas tábuas de pau-preto. **Sereno como uma porta.** Já nem falo por mim.» (1999:234)³⁸

«Agora é só lembrar-me de comprar *O Liberal* [...], para ver se também foi **por obra do Taveira** que eu apanhei uma pneumonia.» (1999:252)³⁹

«A primeira dúvida que lhes surge não se prende à matéria propriamente dita, mas à urgência de saberem

³² A expressão fraseológica é: **Subir a mostarda ao nariz.**

³³ A expressão fraseológica é: **Vender a alma ao diabo.**

³⁴ A expressão fraseológica é: **Cair/Ir ao fundo do poço.**

³⁵ A expressão fraseológica é: **Verter/Mudar a água às azeitonas.**

³⁶ A expressão fraseológica é: **Ser mais velho do que a Sé de Braga.**

³⁷ A expressão fraseológica é: **Já chega e sobra.**

³⁸ A expressão fraseológica é: **Ser burro/estúpido como uma porta.**

³⁹ A expressão fraseológica é: **Por obra do Diabo/Espírito Santo.**

que espécie de **peixe** é que está a tentar **vender-se**, [...].» (2002:264)⁴⁰

«Tomara que fossem só uns poucos a meterem a mão no caldinho, ou que se contassem menos que dez milhões de **narizes**, naqueles locais **onde** só são **chamados** dez.» (2002:264)⁴¹

«É o 'Ø' **por dá-cá-aquele-palheiro-norueguês**.» (2002:287)⁴²

«[...] a **trabalhar** (ou não) **para** a misteriosa figura nacional que dá pelo nome de "**O Boneco**".» (2002:297)

Há, ainda, *uma espécie de* prolongamento da fraseologia no con(texto). O locutor usa uma EI e a partir dela cria um segmento que lhe serve de apêndice metafórico:

«**semeiam o caos** e o céu.» (1999:16)

«**semeio a discórdia** e a comichão.» (1999:255)

«**Andamos** todos **às aranhas**, e aos rabos das serpentes, e às asas de morcego porque encaramos o amor como um encanto, no bom sentido e no pior.» (2002:211).

Três aspectos importantes a salientar, ainda sobre a adequação da EI ao con(texto) discursivo-textual, prendem-se, por um lado, com as formas de negação que as fraseologias podem assumir:

⁴⁰ A expressão fraseológica é: **Vender o seu peixe**.

⁴¹ A expressão fraseológica é: **Meter o nariz onde não se é chamado**.

⁴² A expressão fraseológica é: **Por dá cá aquela palha**.

«Afinal nem tudo **o que vem à rede é peixe...** e mesmo que fosse, [...].» (1999:49)

«É verdade que não **estamos a nadar em dinheiro**, mas também não é vergonha ser pobre.» (2002:95)

«O que em Portugal não **está no “prelo”**, está “na forja”.» (2002:278)

«[...] porque uma vez fincado o dente nesse “gadget” nunca mais lhe **larga o osso**.» (2002:287)

«Ah, mas não **sejamos estraga-prazeres** - alarmemo-nos à mesma!» (2002:266)

«Graças à sua espantosa humanidade percebe-se que aquilo não lhe **subiu à cabeça**.» (1999:157)

«De resto, não me importo nada que os dirigentes conspiram uns contra os outros [...], desde que não me **metam ao barulho**.» (1999:126)

«Hoje, o nosso conceito de lealdade é uma coisa ligeirinha, que não custa, e que consiste em não **dar facadas nas costas** das pessoas de quem gostamos.» (1999:116)

«São nomes ordinários e machistas. [...]. Nem sequer se **dão ao trabalho de** actualizá-los: ao menos *Kalashnikov* em vez de bacamarte.» (1999:64);

por outro, com a ocorrência de antonímia:

«Casados ou descasados, juntos ou separados, passageiros ou eternos, **boas reses** ou **más reses**, aprendam: [...].» (1999:15).

«De resto, apenas as bestas tiram prazer só do facto de **estar por cima** de quem **está por baixo**.» (1999:38)

«No entanto, há maus de mais para **estar a dizer mal** de todos e há pessoas a mais **a dizer bem deles** [...].» (2002:44)

«**Ser boa pessoa**, porém, é uma coisa bonitinha [...] ou **é má pessoa?**» (2002:45)

«**uma pessoa com chá**» (2002:59) / «**uma pessoa sem chá**» (2002:59);

e, por último, com a aceitação de diminutivo:

«Dá-se-lhe **um dedinho** de teatro, **dois dedos** de leitura [...].» (2002:254)

«Os optimistas pensam [...]; e os pessimistas pensam que, [...], 1983 **foi um mar de rosinhas**.» (2002:207)

«[...] “praticamente eram só estrangeiras, elas bem olhavam para mim, mas eu ia em famelga, estás a ver **o caldinho** que não **era**.”» (2002:237)

«Aquele *mas* é a **facadinha nas costas** típica do nosso tempo.» (1999:115)

«A nossa gente não pode dar para grandes revoluções e remédios, mas dá para **dar um jeitinho**.» (1999:150)

«O Independente, este último, graças a Deus, mesmo **à rasquinha** com 50,7 por cento.» (1999:239)

«Parecem **estar** sempre mesmo **à beirinha** de bater no repórter.» (2002:275)

«(Adeus ó vai-te embora, **dá corda aos sapatinhos**).» (2002:134)

«Os jovens portugueses [...] querem que os velhos [...] **tenham juizinho**.» (2002:142)

«O Carinho [...]. Nasce graças a **um nadinha** de compaixão.» (2002:52)

«Os canhotos querem **fazer tudo *direitinho***, mas não são absolutamente destros na manipulação da cultura de tradição conservadora [...].» (2002:51).

Uma ressalva final no âmbito da adaptação/adequação da EI ao texto/discurso diz respeito à marca diastrática instaurada pela selecção de um dado segmento fraseológico em detrimento de outro, semanticamente próximo. Ou seja, é o registo de língua/a situação que condicionam a escolha criteriosa, por parte do enunciador-relator, de uma expressão cristalizada. «Importante para a apreensão da mensagem e da intencionalidade comunicativa [...].» (Figueiredo, 2001:32), esta selecção conferirá, assim, ao texto um registo mais popular ou mais cuidado, respectivamente.

Apresentamos, de seguida, o quadro resultante do estudo que efectuámos a fim de proceder ao levantamento das ocorrências mais ilustrativas deste item. Ou seja, procuramos demonstrar que duas EIs distintas, mas de valor fraseológico semelhante, se insurgem, num registo de língua por vezes divergente.

Dada a existência de linhas fronteiriças muito ténues e movediças entre os diferentes registos de língua, foi de forma cautelosa e com uma certa margem de incerteza e de relatividade, ou como quem diz, foi *com um pé atrás* que as colocámos no registo por nós julgado o mais adequado.

VALOR FRASEOLÓGICO	REGISTO POPULAR	REGISTO FAMILIAR	REGISTO CUIDADO
Fazer um grande esforço para realizar algo.	« Esprememos os miolos em exames absurdos [...]» (1999:110)	«Os adultos batem as pestanas à volta dos bebés, cismando o que terá o pobre petiz.» (1999:73)	
Ficar inactivo, inerte, quieto.	« Ficamos de perna aberta perante a sucessão das coisas.» (1999:110)	«Os bebés dependem completamente de nós. [...]. Não fazem nenhum. » (1999:74) / «[...] as pulgas [...] não andam no soalho à espera [...]. Se as imagina assim, de mãos nos bolsos , imagina mal.» (1999:258)	
Apaixonar-se.	«Quando se começam a interessar por sexo, deixam-se embeijar [...]» (1999:33)	«Quando nos perdemos de amor por alguém [...]» (2002:209)	
Ser desonesto, mentiroso; não ser merecedor de crédito.	«Antigamente, um indivíduo que saltasse de comboio ideológico em comboio ideológico era um [...] vira-casacas. » (2002:224)	«Não seja trocatis , amando o afilhado como um filho, [...]» (1999:13)	
Realizar algo muito vagarosamente.	«Andar é arrastar, passo de caracol , pachorrice, sonolência.» (2002:227)	«Em Santo António os dias crescem a passo de monge. » (2002:15)	

VALOR FRASEOLÓGICO	REGISTO POPULAR	REGISTO FAMILIAR	REGISTO CUIDADO
Retirar-se; afastar-se; fugir.	«Às vezes dá jeito dizer [...], e dar à sola. » (1999:79)	«Se oiço falar português, calo-me imediatamente para passar despercebido. [...]. Rimo-nos para dentro e passamos ao largo. » (1999:170)	«A lealdade pode ser feia para o mundo, por lhe virar as costas , mas é linda para cada um.» (1999:117)
Não simpatizar com algo/alguém.	«[...] a verdade é que, em geral, os leitores não nos gramam. » (1999:238) / «Hei-de chamar nomes horríveis, [...] aos [...] que não me caírem no goto, no ouvido. » (1999:43)	«Nisto de não ir muito à bola connosco , verificamos com espanto que os leitores [...]» (1999:238) / «Fui das primeiras pessoas a não poder com o gajo!» (2002:205)	
Sem vigilância, supervisão; sem diligência; de forma desgovernada.	«Se deixarmos a memória à vontade dos fregueses , nunca mais encontraremos o que queremos.» (1999:112)	«[...] um daqueles capacetes [...], a baloiçar ao Deus-dará a mil metros de profundidade.» (1999:13)	«A memória [...]. Deixada ao acaso , torna-se num armazém de retalhos.» (1999:112)
Adoptar uma atitude de indiferença.	«Os outros 45 por cento, presumivelmente, estão-se a marimbar. » (1999:239) / «[...] estão todos completamente a borrifar-se para quem ganhe as presidenciais, [...]»	«[...] “porque é que eu me havia de estar a ralar com isso?”» (2002:264)	«Os portugueses são o único povo do mundo que consegue a proeza de não estarem para chatices » (2002:298) / «[...] o <i>snob</i> [...] não está para

VALOR FRASEOLÓGICO	REGISTO POPULAR	REGISTO FAMILIAR	REGISTO CUIDADO
	(2002:226)		maçadas.» (2002:272) / «O liberal concorda e encolhe os ombros.» (1999:226)
Por que razão, motivo?	«[...] cozinheiro que só gostasse de fazer bolinhos de arsénio – por que raio os havia de fazer comestíveis?» (2002:146) / «[...] a natureza sabe-se lá por que chusma de nêspersas , impediu o Homem e a Mulher [...].» (1999:14)	«Também não percebe por que estranha carga de água há-de alguém querer ser presidente [...].» (2002:126)	
Inesperadamente; inopinadamente.	«[...] e de outras coisas tremendas que não se podem dar assim do pé para a mão. » (2002:182)	«[...] e sem mais nem menos aparece-nos em casa um indivíduo [...].» (2002:21)	
Por motivo ou pretexto irrisório; de qualquer maneira.	«Enfim Benurons e soros e termómetros a trouxe-mouxe. Em vão.» (1999:73)	«Antes de se contar uma boa mentira, daquelas que dantes se diziam “ por dá cá aquela palha ”, [...].» (2002:81)	
Embriagar-se.	«[...] é quase certo que das 25 pessoas em campo uma delas se meta nos (gravemente)	«Há um benfiquista bem bebido. » (1999:190) / «Imagine-se um	

VALOR FRASEOLÓGICO	REGISTO POPULAR	REGISTO FAMILIAR	REGISTO CUIDADO
	copos» (2002:37) / «[...] na sexta-feira à noite apanham pielas de paralisar os neurónios.» (2002:39)	finlandês [...] a achar-se bastante menos borracho do que nós.» (2002:39)	
Comportar-se de forma a ser motivo de chacota, de reprovação.	«Existem até "pentes" de alcatifa, [...] e, de um modo geral, uma escusadíssima figura de parvo. » (2002:11)	«"Sempre me recusei a fazer encomendas / fretes/ omeletas/ figura de urso ".» (2002:296)	«A gente não quer é fazer má figura. » (1999:208)
Comportar-se de maneira grosseira; ser pouco inteligente.	«Ser <i>broina</i> é [...] abaixo de besta , o subzero do Q.I. » (1999:220)	«Ser <i>broina</i> é abaixo de estúpido , [...] o subzero do Q.I. » (1999:220)	
Pessoa insignificante, desequilibrada.	«Tem variantes modernas como não arrumar bem a roupa na mala, não bater bem as bolas, etc.» (1999:217)	«Tu deves estar mas é Inês-da-horta! » (1999:217) / «Tu estás mas é pancadola. » (1999:217)	
Ser muito caro; preço exorbitante.	« Está tudo pela hora da morte. » (1999:203)	«Não há nada que não custe "os olhos da cara" .» (1999:203)	
Cautelosamente; silenciosamente; de forma	«Lentamente, seguramente, pé ante pé, os Portugueses estão a passar-se.»	«[...] milhões de portugueses são, muito pianinho e pela calada, <i>dubitavelmente</i>	

VALOR FRASEOLÓGICO	REGISTO POPULAR	REGISTO FAMILIAR	REGISTO CUIDADO
dissimulada.	(1999:155)	<i>monárquicos.»</i> (2002:184)	
No derradeiro momento.	«Em Portugal a coisa chegou sobre o tarde, [...]» (1999:146)	«Vir em cima da hora, [...], é uma actividade mais do que levemente obscena (...).» (2002:278)	«A sensação que tenho é que tudo foi feito à última hora [...]» (1999:8)
Chorar copiosamente.		«A minha mãe lavada em lágrimas [...]» (1999:31)	« Desfazem-se em prantos mal um entrevistador mencione a descentralização cultural.» (2002:275)
Pessoa cansativa, monótona.	«Ora, [...] a verdadeira cultura é efectivamente chata. Chata como a potassa. » (2002:62).	«É chato como o herpes? Ah, o mais possível!» (2002:286)	

Se comumentemente «A expressão fixa [...] (se) apresenta como uma unidade codificada e, logo, mais económica porque não sujeita às variações estilísticas de cada locutor» (Figueiredo, 2001c:7), este capítulo, – referente à adaptação flexional dos fraseologismos ao cotexto imediato e ao contexto no qual aparecem inseridos –, vem provar que o critério economicista da linguagem não foi tido em linha de conta por parte do cronista, uma vez que, a grande maioria das EIs que ocorrem no seu discurso são alvo de constantes

reconstruções, adaptações e desfixações, quase sempre embelezadas e trabalhadas ao sabor da sua imaginação e propósito comunicacional.

Este estudo sobre a flexão das fraseologias por adaptação ao discurso não constitui, por sua vez, *nem por sombras* a parte mais significativa da sua adequação. Por esta razão, interessa-nos menos a adequação flexional do que – e *levantando* um pouco *o véu*, adiantamos já o tema sobre o qual nos debruçaremos a partir de agora – a sua adequação estrutural, ou seja, a capacidade deveras interessante de a expressão idiomática, enquanto mecanismo de coesão estrutural, promover a organização textual e discursiva.

Não descurando as suas muitas outras potencialidades textuais⁴³, delimitaremos o nosso estudo – sob pena de o tornarmos demasiado generalista, pouco rigoroso e aprofundado –, sobre o alcance das EIs no texto, focando-nos exclusivamente em dois aspectos:

- Modalização do discurso relatado;
- Contribuição anafórica e catafórica na estruturação textual.

A escolha destes dois pontos resulta da constatação que obtivemos aquando da leitura e análise das obras de MEC, pois, verificámos que o A. invoca e convoca a EI maioritariamente em contexto de discurso relatado e enquanto elemento estruturador e organizador do seu próprio discurso.

⁴³ São inúmeras as potencialidades do uso das EIs no texto: a de instaurar um determinado registo de língua; a de fomentar uma maior aproximação entre o falante/escrevente e o ouvinte/leitor; a de veicular a ironia; a de provocar o riso e o tom jocoso, etc.

2 - Contributos modalizadores da EI sobre o discurso relatado

«La question, dit Alice, est de savoir si vous avez le pouvoir de faire que les mots signifient autre chose que ce qu'ils veulent dire.

- La question, riposta Heumpty Deumpty, est de savoir qui sera le Maître, un point c'est tout.»

Lewis Carroll, *De l'autre côté du miroir*.⁴⁴

A língua em acção não tem como finalidade única o acto comunicativo em si – comunicar alguma coisa a alguém –, a língua tem de ser encarada, segundo Bronckart (1985), numa dupla perspectiva: comunicacional e também representativa. Ou seja, a língua veicula não só informação, mas também todo um conjunto de intenções, pareceres, emoções e comportamentos por parte do enunciador.

As fraseologias, em particular, “nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objectos ou de estados de coisas” (Vilela, 2002a:161). Logo, a partir do momento em que o enunciador se serve de uma dada EI, está já a denunciar-se como enunciador-intérprete, uma vez que houve: um privilegiar do emprego da técnica do discurso repetido em detrimento da técnica livre do discurso; um trabalho conceptual prévio subjacente à selecção da expressão (*escolhida a dedo*) que melhor se prestaria ao objectivo comunicativo-intencional do enunciador; um processo de reflexão/actuação na integração

⁴⁴ Citado por H. Gauvenet, 1976:9.

da EI no discorrer do seu próprio discurso.

Assim, a escolha da EI e sua consequente integração no (con)texto permite, acima de tudo, “ao falante/escrivente dizer muito mais do que aquilo que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor entender muito mais do que a materialidade fónica afirma.” (Vilela, 2002a:187).

Os procedimentos linguístico-discursivos veiculados pelas EIs em *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* e em *A Causa das Coisas* permitir-nos-ão – focando a nossa atenção apenas sobre o discurso relatado – exemplificar a sua capacidade de proceder a operações interpretativas e implicitamente judicativas, ou seja, a sua capacidade de introduzir um discurso modalizador e comentativo por parte do eu-relator.

Não é nossa pretensão, nem do âmbito deste trabalho, definir e classificar os vários tipos de discurso relatado⁴⁵, fá-lo-emos, no entanto, de forma sucinta e quando tal se revelar significativo para melhor clarificação da nossa orientação argumentativa. Procuraremos, sobretudo, e porque segundo Combettes parece ser mais interessante «et plus utile d’observer comment, par quels procédés, chaque DR⁴⁶ peut signaler une intervention de l’énonciateur-rapporteur [...]»⁴⁷.

Antes, porém, daremos conta da forma como a escolha de um verbo introdutor, por parte do locutor-relator, condiciona a interpretação/representação de todo o segmento relatado. Para tal,

⁴⁵ Para tal vide FIGUEIREDO, Eunice et FIGUEIREDO, Olívia. 2001:23-25.

⁴⁶ DR: Discours rapporté.

⁴⁷ COMBETTES, B., 1990:110.

socorro-nos, de entre um vasto número de ocorrências, de três exemplos retirados de *O Mandarin*⁴⁸, da autoria de Eça de Queiroz:

- «...**Pigarreou, cuspihou, balbuciou** (Silvestre): São notícias para Vossa Senhoria.»⁴⁹
- «E ele (Silvestre) **berrando** [...]: São cento e seis mil contos, senhor!»⁵⁰
- «-Oh! A Questão Social! – **rosnou** sombriamente Camilloff.»⁵¹

Qualquer leitor competente não só lerá e interpretará (eventualmente, até, visionará) os conteúdos proposicionais emitidos pelas personagens de forma mais realista, consoante a selecção, por parte do narrador, do verbo introdutor que precede as respectivas falas, como também estará prevenido *a priori* sobre as transformações/alterações semânticas e indicações paralinguísticas que tal selecção condiciona(rá). A este propósito Duarte, I. (1994:86) afirma que «o verbo introdutor [...] encerra quase sempre uma dimensão avaliativa do relator “acerca da relação entre o Loc do discurso que está a reproduzir e esse mesmo discurso”».» (Mateus *et alii.*, 1989:82).

De entre outras possibilidades de selecção, entre as quais, por exemplo, a opção por verbos de comunicação neutros (*afirmou; disse; declarou*), o enunciador-relator privilegiou verbos de comunicação fortemente marcados e implicitamente marcadores da sua presença.

Em MEC constatamos que o rigor na selecção não recai

⁴⁸ QUEIROZ, Eça, 1880. *O Mandarin*. Lisboa: Edição «Livros do Brasil».

⁴⁹ Ibidem: 184

⁵⁰ Ibidem: 185

⁵¹ Ibidem: 100

maioritariamente sobre o verbo relator criteriosamente escolhido⁵², mas essencialmente sobre a EI que – anteposta ou posposta – condiciona veementemente o verbo, agindo sobre ele.

2.1.1 A EI CONDICIONA O VERBO INTRODUTOR

Eis um segmento discursivo⁵³ onde uma EI, situada no cotexto à esquerda do verbo *dicendi*, actua modalizadamente sobre o verbo introdutor do discurso relatado, despindo-o de valor meramente declarativo:

«O sofrimento é um nojo. Tudo o que dói faz mal.
Quando alguém se **chega ao pé de nós** e diz "Passei a
noite inteira a chorar por tua causa."» (1999:107)⁵⁴.

O uso programado por parte do enunciador-relator da expressão idiomática *chegar ao pé (de alguém)*⁵⁵ – veiculadora de uma certa conotação de reprimenda sofrida e até de aviso ameaçador camuflado –, e porque se encontra junta ao verbo *dicendi*, condiciona/altera fortemente o aspecto semântico e valor modal do verbo introdutor "diz". Ou seja, parece que o eu-relator pretende modalizar o "diz", transmitindo ao leitor a ideia de que não se trata de um mero dizer indiferente ou de *um dizer por dizer*. É, antes, um dizer lamuriante, talvez até um pouco fingido e inesperado, e

⁵² Há, no entanto, algumas ocorrências em número pouco significativo:

«...**gritando**: "Sou tua[...].» (1999:63)

«...**rosna** "Vá lá - despacha-te!"» (1999:25)

«...a **clamar**: Dê-me aí duas dúzias.» (1999:68)

⁵³ Doravante, as marcações gráficas presentes no segmento transcrito - nomeadamente o sublinhado e negrito -, não são constitutivas do texto original, mas tão-somente da nossa responsabilidade.

⁵⁴ O título da crónica é: *A Aventura de Sofrer*.

⁵⁵ **Chegar ao pé de alguém**,

- valor do discurso livre: acto de se se aproximar fisicamente de alguém.

- valor fraseológico: acto de abordar alguém com uma intenção não inocente.

consequentemente aborrecedor e incomodativo.

Vejamos outros exemplos semelhantes, onde a EI surgindo à esquerda do verbo relator, ou seja, numa posição anteposta, o condiciona:

«O Mário **bate com o punho na mesa** [...] e diz:
"Basta, Maria! Vamos ver o remate e acabou-se!"» (1999:
156)⁵⁶

O emprego da EI pretende, curiosamente, convocar aqui as duas leituras: a literal e a idiomática. Ou seja, cabe ao leitor decidir atribuir à fraseologia o tom de voz enraivecido com que o locutor *diz* as suas palavras, ou, tão-somente, interpretar o segmento a negrito como o acto de exercer com a mão/punho uma força violenta sobre a mesa;

«[...] mas ninguém fala no direito à meia-idade.
Porque é que não hei-de reivindicar o direito de ser
tratado pelo apelido por homens gordos de fato e
gravata? [...]. **Dão-me palmadas nas costas** e dizem
"Ó Esteves Cardoso!" (1999:22)⁵⁷

O relator joga novamente com o valor do discurso livre e o do discurso repetido, podendo a EI ser interpretada de forma meramente literal, ou entendida como um *invólucro* que, revestindo o verbo Dizer, atribui um sentido jocoso e irónico-delicado ao discurso;

⁵⁶ O título da crónica é: *A Aventura Enquanto Aventura*.

⁵⁷ O título da crónica é: *A Aventura da Juventude*.

«Aí o Mário ***puxa de galões*** e diz: “Pronto. Foste tu que me obrigaste. Muda imediatamente para o 1º canal!”» (1999:156)⁵⁸

MEC, através da EI, invoca a posição hierárquica de Mário para impor a sua autoridade sobre Maria, advertindo *a priori* o leitor para a conotação *espartana* do verbo Dizer;

«E a Maria ***ata o burro*** [...], dizendo: “Pronto, está bem, leva a taça!”» (1999:157)⁵⁹

A utilização desta EI permite ao relator transmitir ao leitor a ideia de que o Dizer se revestiu de um sentimento de amuo e de melindre por parte do locutor, – foi de *modus* amuado e melindrado que Maria proferiu as suas palavras;

«Para ***com os seus botões*** lá dizem “Antes a obra fosse uma merda e o homem ainda estivesse vivo, a beber uns copos aqui com a gente”.» (2002:161)⁶⁰

Com a expressão fraseológica anteposta, o relator pretende substituir o acto de Dizer pelo acto de Pensar do sujeito da enunciação «os portugueses» relativamente aos «poetas».

Como alvitramos atrás, a localização da EI relativamente ao verbo introdutor pode também dar-se à sua direita, ou seja, pode surgir numa posição posposta ao verbo *dicendi*:

⁵⁸ O título da crónica é: *A Aventura Enquanto Aventura*.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ O título da crónica é: *Luto*.

«É aquele, que em nome da amizade, aguenta com as dúvidas e diz, ***partindo para a batalha***: “Isto vai acabar mal, mas tu lá sabes...”» (1999:114)⁶¹

Referindo-se ao «amigo leal», MEC pretende assinalar com a EI a intenção subjacente ao acto de fala proferido pelo enunciador. Este, sob forma de aviso «Isto vai acabar mal» e de um ilibar de autoresponsabilidade «mas tu lá sabes», tem por objectivo exprimir o seu ponto de vista, ainda que tal possa eventualmente provocar o desacato, a desordem e até mesmo o confronto físico entre os interlocutores;

«Em vez de falar, mandamos umas bocas. Em vez de nos atirmos ao assunto, soltamos umas indirectas. Circundamos, dizemos “Olha lá, é verdade...” e “ A propósito...”, ***como quem não quer a coisa***.» (1999: 151)⁶².

Tendo como contexto o costume habitual dos portugueses para *pedir cunhas* e favores, verifica-se que a EI – surgida neste exemplo no final da transcrição das palavras, em discurso directo⁶³, do enunciador *nós* (os portugueses) – especifica o propósito do Dizer: foi um dizer *como quem não quer a coisa*, “mas quer” alguma coisa em troca. Há uma intenção subjacente de pedir sub-repticiamente alguma coisa ao outro, a qual se sabe à partida não ser naturalmente *vista com bons olhos*;

⁶¹ O título da crónica é: *A Aventura da Lealdade*.

⁶² O título da crónica é: *A Aventura do Jeito*.

⁶³ Doravante DD. Para outras formas canónicas de transcrição utilizar-se-ão as seguintes nomenclaturas:

DDL- para discurso directo livre;

DI- para discurso indirecto;

DIL- para discurso indirecto livre.

«"Ou pões outra vez a aliança no dedinho ou, tão certo como dois e dois serem quatro, juro que corto a garganta ao nosso filho" [...]. Às vezes dá jeito dizer **com as costas quentes** das culturas vigentes, "Olha que não estamos na Idade Média eu não te DEVO nada, não te pertenco", e dar à sola.» (1999:79)⁶⁴

A EI inserida neste exemplo vem revelar as sensações de bem-estar, de conforto e de segurança sentidas pelo locutor anónimo aquando do desenrolar do seu discurso. O enunciador permite-se Dizer sem medo, pois, tem sob sua protecção «as culturas vigentes».

Recorrendo a formas híbridas de transcrição (também designadas ilhotas textuais e enunciativas)⁶⁵, ainda o efeito que o dito desencadeia:

«**Começa a aquecer** quando diz que a biblioteca dele "começou quando eu tinha uns 10 anos, na aldeia, onde os meus pais hospedavam Júlio Dinis, Camilo, Alexandre Dumas [...].» (1999:213)⁶⁶.

A expressão metafórica, destacada a negrito, anteposta ao marcador temporal «quando» e ao verbo introdutor «diz», revela o momento a partir do qual se gerou, *aos olhos do relator*, um ambiente fastidioso, enfadonho e pouco interessante. Repare-se que esta interpretação contextual da EI contrasta com o valor fraseológico da mesma, já que *Começar a aquecer*

⁶⁴ O título da crónica é: *A Aventura do Noivado*.

⁶⁵ Olívia Figueiredo, aquando do seminário de Pedagogia da Gramática, profere as seguintes afirmações relativas às formas híbridas de discurso relatado: «A imprensa emprega muito este tipo de discurso. Os jornalistas procuram jogar simultaneamente em dois tabuleiros: estabelecem uma distância com os indivíduos de que falam, mas ao mesmo tempo tentam "colar-se" à sua linguagem e ao seu ponto de vista.».

⁶⁶ O título da crónica é: *A Aventura do Tom Pío*.

designa metaforicamente o acto de desencadear uma espécie de alvoroço excitante; exaltação; motim. Assim, a expressão, ali invocada ironicamente pelo relator, representa, mais uma vez, a apreciação do mesmo face às palavras proferidas pelo locutor do enunciado;

«As raparigas **dão cabo deles** quando dizem “Não te dou beijinho nenhum se não fores lavar a cara.”»
(1999:33)⁶⁷

A EI *Dar cabo (de alguém)* constitui aqui uma prova fulcral da interpretação do relator face à recepção e consequente efeito daquela fala nos rapazes portugueses. MEC julga, prevê e acredita que estes *ficarão de rastos* perante tal afronta ao seu negligente asseio – e o leitor *deixa-se levar*.

Todos estes exemplos demonstram que, de facto, a presença da EI, quer numa posição anteposta quer posposta, atribui um valor perlocutivo ao verbo *dicendi* “dizer”, comprovando, assim, que não se tratou do tal *dizer* meramente declarativo e conotativamente neutro como é o caso dos dois exemplos que a seguir transcrevemos – e cuja declaratividade é curiosamente a própria EI que se encarrega de assinalar nestes dois segmentos discursivos:

«“Sou mãe solteira”, diz a nossa anunciante, ***sem papas na língua***»⁶⁸.» (1999:58)⁶⁹

«Mais encanitante ainda é a pequena franja de leitores que tem a temeridade de ***dizer abertamente*** que não relatamos a verdade dos factos.» (1999:239)⁷⁰

⁶⁷ O título da crónica é: *A Aventura de Ser Rapaz*.

⁶⁸ Valor fraseológico: dizer aberta e declaradamente alguma coisa a alguém; ir *direito* ao assunto sem rodeios.

⁶⁹ O título da crónica é: *A Aventura da Mãe Solteira*.

Utilizando o discurso indirecto como forma de discurso relatado, MEC afirma:

«Em vez dos slogans publicitários temos agora de **chupar com** as palavras de ordem da “gente bonita”, [...] a dizer que gostam muito de Dire Straits e Phil Collins, e que acham que se tem de dar mais oportunidades aos jovens.» (1999:125)⁷¹

A EI *ter de chupar com (alguém ou alguma coisa)*⁷², possibilitando a introdução de um discurso relatado, não recai agora sobre o *modus* dos actos de fala das personagens, mas antes sobre o *modus* como o enunciador-intérprete acata tais *dictus*/opiniões, convidando o leitor a *dar-lhe o braço* e a acompanhá-lo na valoração negativa e desprestigiante que tais “palavras” desencadeiam.

Apesar da utilização de um verbo dicendi neutro (“dizer”) e de outro opinativo, logo mais marcado (“achar”), o emprego da EI procura, por um lado, apagar aquela neutralidade e, por outro, enfatizar negativa e pejorativamente este achar. «Quando são usados verbos relativamente neutros, outros elementos do discurso atributivo contrariam essa neutralidade.» (Duarte, 1994:101) – tal, parece ser o papel da EI presente neste último excerto.

⁷⁰ O título da crónica é: *A Aventura da Sondagem*.

⁷¹ O título da crónica é: *A Aventura da Anti-Revolução*.

⁷² **Chupar com (alguém ou alguma coisa):**

- valor do discurso livre: acto de sugar algo/alguém.

- valor fraseológico: ser obrigado a aceitar algo/alguém contra a nossa vontade.

Uma outra expressão congelada na língua sinónima desta é **levar com (alguém ou alguma coisa)**.

Outro exemplo⁷³ desta forma canónica de transcrição merece algum destaque pelo facto de denotar um “arranjar” das palavras *do outro*, ausente no momento da enunciação:

«Como jornalista⁷⁴ é uma coisa, como crítico literário é outra, como académico é outra ainda, [...]. No geral, **ganha a vida a discutir a cor do cavalo branco de Napoleão enquanto cor de burro-que-foge.**» (1999: 158)⁷⁵.

Como já atrás referenciado, o enunciador-relator, por um lado, marca a sua distância *intelectual* face à conduta do enunciador-primeiro aquando da integração da expressão, contextualmente interpretada de forma pejorativa, “ganha a vida” seguida do segmento verbal “a discutir”. Há, por outro lado, por parte do eu-relator, uma intenção de querer “colar-se” à linguagem e ao ponto de vista do «jornalista» a quem se refere quando opta por resumir/condensar⁷⁶ fraseologicamente – “rearranjando” interpretativa e metaforicamente – o discurso primitivo.

Posto isto, gostaríamos de destacar o facto interessante de a EI poder substituir o próprio verbo introdutor, funcionando em bloco como se de um verbo *dicendi* se tratasse e, deste modo, também, condicionar a interpretação do leitor.

⁷³ Os itálicos fazem parte do texto original, as restantes marcações gráficas - nomeadamente, o sublinhado e os negritos - são da nossa autoria.

⁷⁴ O sujeito da enunciação refere-se a Prado Coelho.

⁷⁵ O título da crónica é: *A Aventura enquanto Aventura*.

⁷⁶ Sobre este assunto cf. o ponto 2.1.4 deste capítulo.

2.1.2 A EI SUBSTITUI O VERBO INTRODUTOR

No exemplo que de seguida transcrevemos, comprovamos a nossa asserção de que algumas EIs encerram em si a capacidade de desempenhar sozinhas e de forma discursivamente perceptível e eficaz a função de um qualquer verbo relator. De facto, o uso deliberado e intencional de uma dada EI por parte do relator-enunciador não só *abre caminho* à entrada de uma forma canónica de transcrição, neste caso o DD, como também revela a presença interpretativa do sujeito-relator:

«A meio da noite, abriu-se a porta do quarto dos rapazes e saiu o Rodrigo, estremunhado, esfregando os olhos. Depois o Paulo e o António. Seguiram pelo enorme corredor [...] Levavam cordas, pilhas eléctricas, mapas, sanduíches de atum e um velho machado de bombeiro com a tinta vermelha a estalar. António era o mais hesitante. Virou-se para um dos irmãos e perguntou «e se aquilo não...» Paulo ***saltou-lhe para cima***: «Shhh! Vais acordar os pais!» (1999:102)⁷⁷.

A expressão *saltar para cima (de alguém)*⁷⁸, utilizada no seu sentido fraseológico, ou seja, no do discurso repetido, recai sobre o acto de fala do enunciator-primeiro, ou seja, sobre o discurso relatado. O fraseologismo ocupa aqui o lugar de um qualquer verbo introdutor, como *Disse-lhe*, *Gritou-lhe baixinho*, *Ripostou-lhe*, entre tantos outros.

Não se trata aqui de agir sobre o *dictum* (as palavras ditas em DD pelo

⁷⁷ O título da crónica é: *A Aventura de Escrever*.

⁷⁸ ***Saltar para cima (de alguém)***:

- valor do discurso livre: acto de lançar-se fisicamente sobre outra pessoa.
- valor fraseológico: agredir alguém verbalmente; advertir de forma ríspida.

locutor), mas nitidamente sobre o *modus* como esse conteúdo fora proferido⁷⁹. Há por parte do relator uma clara intenção de avaliar e julgar negativamente o tom ríspido e agressivo utilizado pelo outro (Paulo). Nada garante ao leitor que tenha sido, de facto, esse o tom utilizado, restando-lhe depreendê-lo pela EI “escolhida” pelo enunciador (único responsável pela sua introdução no discurso).

MEC não se limita a contar, a relatar os acontecimentos, vai mais além e interpreta a seu bel-prazer o contexto emotivo de que se revestem as falas dos enunciadores primeiros⁸⁰. A marca do eu-relator denuncia-se ao agir sobre o discurso do outro.

É interessante verificar que um cronista “indiferente e apagado” poderia ter seleccionado um verbo *dicendi*, como por exemplo: *afirmar*, *dizer*, *declarar* – como introdutores do discurso relatado. A eventual opção, por parte de MEC, por estes últimos verbos de comunicação declarativos, revelar-se-ia muito mais pobre em termos de significação, pois, apenas introduziria o enunciado relatado de uma forma pouco dinâmica e neutra.

No exemplo transcrito, a EI utilizada funciona em bloco como se de um verbo relator se tratasse. Qualquer leitor competente assim a interpreta. Mais do que marcar a abertura de um acto de fala relatado em DD, a opção pela EI

⁷⁹ Em jeito de aparte, Bakhtine (1977:164) afirma que as formas de DD e DI não exprimem de forma fiel, directa e imediata as intenções do enunciador primeiro, pois, segundo o A. há sempre uma apreensão activa e apreciativa por parte do enunciador-relator.

⁸⁰ Um exemplo mostrador desta afirmação, num outro texto autêntico:

«Então, ele pulou da cadeira e **bradou aos céus**. Cortaram! Cortaram!» (VERÍSSIMO, Luís F., 1997. *Comédias da Vida Privada*).

permite ao leitor visualizar de forma quase fiel e real o acontecimento. Poder-se-á, assim, afirmar que a EI concorre para a verosimilhança ou para o que Genette⁸¹ chama “efeito de real”⁸².

O privilegiar da EI em detrimento de um qualquer verbo *dicendi* permite, por outro lado, reforçar, dar ênfase, chamar a atenção do leitor para o *modus* do DD. Em linguagem cinematográfica, há um relator-realizador que focaliza (por meio de zoom), durante um período largo de tempo (eis uma justificação possível para a escolha da EI como um segmento linguístico mais longo do que um único verbo relator), uma determinada imagem, levando e conduzindo o espectador-leitor para o objecto focalizado – neste caso, o

⁸¹ GENETTE, G., (1972:189-203).

⁸² Há na obra de MEC, várias EIs utilizadas ao serviço deste efeito de real. Destacamos três:

«A estrada torna-se intransitável por causa das chuvas. A estalagem está fechada. Não há sítio nem razão para ir. Mesmo assim, a meio de Dezembro passado, num Peugeot **a cair de podre**, numa tarde de tempestade, um casal recém-casado (...) meteu-se a caminho (...)» (1999:103)

A expressão *a cair de podre* entendida exclusivamente como fraseológica (com valor metafórico de discurso repetido) - uma vez que não possui um correspondente no uso externo da língua - aparece neste enunciado ao serviço da descrição, possibilitando ao leitor entender/visualizar o estado de degradação em que se encontrava o automóvel em que viajava “um casal recém-casado”. Não foi inocente a utilização desta expressão por parte do locutor, houve por detrás uma intenção de levar o leitor a interpretar aquele estado de coisas a partir do seu próprio ângulo de visão e de apreciação - levando o leitor a “ver” através dos seus olhos;

«Os automóveis dos Zippies são sempre **novinhos em folha** [...]» (2002:300)

Neste exemplo, tal como no anterior, a EI possui uma força descritiva incontestável, desempenhando melhor este papel do que qualquer outro elemento ou segmento linguístico de carácter adjectival, como: muito novos, novíssimos; E, ainda, um último exemplo:

«É como dizer-nos: “Não só estás apaixonado por uma pega, como ela **é feia como breu**.”» (2002:234),

onde a opção pela EI, revestida com um traço mais humano, caracteriza negativamente a mulher comparando-a à escuridão, à negritude. A eventual opção por formas adjectivais do tipo muito feia ou feíssima não produziria o mesmo efeito de real ou verosimilhança.

objecto focalizado coincide com o *modus* – o tom, a entoação – com que o locutor profere as suas palavras.

Transcrevemos mais três exemplos mostradores deste ponto, em que a inserção da EI permite ao relator introduzir o discurso relatado, prescindindo, assim, da inclusão de um qualquer verbo de Dizer:

«Ainda hesitámos uns minutos, esperando pacientemente nos corredores, de pé, como é tradição entre nós. Até que um ***deu o grito de alarme***: “Isto parece o comboio de torresmos! É sempre o último a chegar!”» (1999:188)⁸³

A expressão *Dar o grito de alarme*, entendida fraseologicamente como alertar aflitivamente alguém para alguma coisa/situação, desempenha a função de “fraseologia introdutora do DR”, pois, de facto, assim a entendemos no discorrer discursivo. O privilegiar deste segmento metafórico em detrimento de verbos relatores – *gritou, rosnou, berrou* – permite ao relator transmitir a ideia, e ao leitor apreendê-la, de que não se tratou de um gritar (rosnar/berrar) qualquer, mas antes um gritar apavorido, enraivecido cujo objectivo final consiste em provocar nos restantes interlocutores, por deferência ao enunciador do acto de fala, uma revolta interior e geral. Poderíamos atribuir a esta fraseologia, na acepção de Martins-Baltar um valor perlocutivo⁸⁴, uma vez que há uma intenção do locutor em persuadir o (s) outro (s) a agir, em conformidade com o seu estado de espírito, ou seja, intempestivamente;

⁸³ O título da crónica é: *A Aventura do Benfica*.

⁸⁴ «Les verbes qui désignent des actions accomplies par l'intermédiaire du discours sont appelés *perlocutifs*. [...] : *alarmer, alerter, inquiéter*.» (1976:68).

«Sempre que ia um à vida, havia uma vizinha que me **dizia ao ouvido**: “Para a próxima vais tu!”» (1999: 246)⁸⁵.

O segmento idiomático *Dizer ao ouvido*, tendo por sentido fraseológico neste contexto⁸⁶ antever ou pressentir algo de ruim, abre imediatamente à direita a enunciação em DD. Esta EI permite que o enunciador se desdobre em dois interlocutores, pois, é ele próprio que pressente a probabilidade de vir a correr perigo e é também ele (a sua vizinha interior) que *diz* para consigo – *para com os seus botões* – o que lhe acontecerá. Qualquer um de nós fica apreensivo com a antevisão de um futuro próximo pouco risonho ou favorável. No entanto, essa preocupação tende a aumentar a partir do momento em que a acatamos por parte de outrem. Assim, parece-nos que verbos relatores como *temi*, *pensei*, foram preteridos a favor desta força ilocutória veiculada pela expressão em destaque;

«Quando eu for velho também quero ser senil. Hei-de chamar nomes horríveis, repetidamente aos funcionários, políticos e outros empregados empertigados que não me caírem no goto, no ouvido. Alto. Naquela **cana-rachada** irritante: “Ó seu grande monte de cocó de galinha, porque é que não trata as pessoas como deve ser?» (1999:43)⁸⁷

Nesta sequência discursiva, constatamos que a EI *Ser uma cana-*

⁸⁵ O título da crónica é: *A Aventura dos Directores*.

⁸⁶ Esta EI pode significar ainda: segredar algo de forma repetida e insistente em tom de aviso ou de ameaça.

⁸⁷ O título da crónica é: *A Aventura da Velhice*.

rachada sofreu o apagamento do verbo integrante *Ser*⁸⁸, assunto sobre o qual nos detivemos no subcapítulo intitulado “A adaptação flexional em contexto discursivo”. Esta elisão não impede, no entanto, a correcta interpretação da expressão metafórica, entendida como pessoa que detém um instrumento vocal pouco afinado, nada melodioso e até «irritante». Trata-se aqui não da caracterização e modalização, por parte do cronista, do *dictum* ou do *modus*, mas tão-somente do timbre vocal a adoptar pelo enunciador num futuro longínquo «Quando eu for velho».

Um último aspecto a destacar, ainda neste ponto, prende-se com o facto de a EI, quer no estatuto de elemento introdutor do discurso relatado:

«O benfiquista ***iniciou uma jogada*** inesperada: “Olhe amigo, é a quarta vez que venho com a Abreu e francamente...”» (1999:189)⁸⁹,

quer numa posição póstuma DD:

«Mal descolámos de Lisboa, um senhor alentejano proclamou do fundo do avião: “É a primeira vez que ando nesta porra!” Estava ***dado o ponta pé de saída***.» (1999:186)⁹⁰,

poder agir, agora, sobre o *dictum* e condensar o ponto de vista do eu-relator sobre todo o conteúdo do enunciado primitivo transcrito em DD. Nestes dois últimos exemplos transcritos, a presença das EIs, *Iniciar uma jogada*⁹¹ e *Dar*

⁸⁸ A expressão fraseológica é: ***Ser uma cana-rachada***.

⁸⁹ O título da crónica é: *A Aventura do Benfica*.

⁹⁰ Ibidem.

⁹¹ Valor fraseológico: acto de projectar ou architectar um plano com vista a surtir um determinado efeito negativo no receptor.

*o pontapé de saída*⁹², pela qual MEC-relator é o único responsável, assinala a modalização do relator perante não só a intenção da fala do locutor, mas também sobre a forma como tais palavras foram acatadas pelos interlocutores-alvo.

A criteriosa selecção desta EI por parte do A. tem subjacente a avaliação que este faz relativamente ao enunciador-primeiro. Demonstraremos de seguida esta nossa asserção.

2.1.3 A EI CARACTERIZA O ENUNCIADOR-PRIMEIRO

Analisaremos neste ponto o facto de o eu-relator poder servir-se da EI para caracterizar de forma modalizada o locutor-primeiro. As características veiculadas pelas EIs que a seguir transcrevemos não têm necessariamente que ver, directa e exclusivamente, com os referidos actos de fala que lhes seguem ou precedem (facto que, ainda neste ponto, veremos mais adiante), mas tão-somente com peculiaridades/atributos/defeitos de que os locutores são quotidiana e habitualmente portadores. Destacamos três exemplos ilustrativos:

«“Estou a falar-te como amigo”, diz um palerma qualquer[...] “Estou a falar-te”, diz o outro. [...] “Estou a dizer-te isto enquanto colega”, **diz o camarada da onça**, com a mão sobre o nosso ombro [...].» (1999:155)⁹³

«O problema com o novo império europeu – **dizem as más-línguas** – é que, ao contrário do Império que

⁹² Valor fraseológico: dar início a competição, debate, polémica, campanha.

⁹³ O título da crónica é: *A Aventura Enquanto Aventura*.

fomos tendo ao longo dos séculos, neste não vamos ser nós quem vai mandar.» (1999:223)⁹⁴

«Esse instinto, que algumas **almas penadas** do cemitério do progresso e do desenvolvimento chamam “reaccionário”,[...] não precisa de mais do que passar a ser uma prática [...], de restaurar, restituir e reconstruir tudo aquilo que deixámos estragar.» (2002:56)⁹⁵

MEC, por meio dos três segmentos metafóricos em destaque, assinala o que é típico, inerente e que, *a seu ver*, mais sobressai da personalidade daqueles locutores. O *camarada da onça* é alguém que se revela ardiloso e falaz, não deixando de o ser após a enunciação que produz naquele momento; a expressão *más-línguas* distingue a propensão inata das pessoas cujos enunciados se revestem recorrentemente de laivos indiscretos e maldizentes; o segmento fraseológico *ser uma alma penada* metaforiza os indivíduos usual e geralmente sorumbáticos, desamparados e inúteis.

Muito para além de permitir efectuar a caracterização intrínseca – porque habitual – do enunciator-primeiro, a EI permite, por outro lado, ao relator realçar a atitude, de carácter pontual e particular, do emissor perante a sua enunciação. De facto, uma outra potencialidade da EI, ainda ao serviço do DR, diz respeito à aferição/avaliação que o relator faz do comportamento do enunciator-primeiro a partir das palavras que este último profere. Senão vejamos:

⁹⁴ O título da crónica é: *A Aventura dos Descobrimientos*.

⁹⁵ O título da crónica é: *Causa*.

«Mais encanitante ainda é a pequenina franja de leitores que **tem a temeridade de dizer** abertamente que não relatamos a verdade dos factos.» (1999:239)⁹⁶

«Trinta e cinco por cento dos leitores **tiveram o desassombro de dizer que** “não gostavam” do director, contra só 20 por cento que gostavam.» (1999:239)⁹⁷

«E **têm a lata**, ainda por cima, **de dizer que** não têm papas na língua.» (2002:275)⁹⁸

MEC, através das três EIs que utiliza, procura pôr em causa a autoridade dos respectivos sujeitos das enunciações perante os actos de fala que realizam. O cronista, estabelecendo uma estreita correlação entre o momento exacto em que os enunciados têm lugar e o conteúdo dos mesmos, caracteriza o comportamento/atitude dos locutores naquele instante como reveladores de atrevimento, de insolência e até de desrespeito para com os respectivos visados.

Outro exemplo em que a expressão metafórica seleccionada pelo A. tem por objectivo particularizar e dar ênfase à forma insistente e assertiva de que se reveste a atitude do(s) falante(s). Ou seja, o relator procura esclarecer o leitor da intenção do enunciador-primeiro em *deixar bem claro* aquilo que afirma:

«A palavra *jovem* agoniza-me. As pessoas importantes que vou conhecendo **fazem sempre questão de sublinhar** que “os meus filhos gostam muito de ler as suas coisas”, mas eles, adultos não.» (1999:22)

⁹⁶ O título da crónica é: *A Aventura da Sondagem*.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ O título da crónica é: «*Só Sei*».

É ainda de salientar uma pertinente transcrição, aquando da adesão dos portugueses às marcas e produtos importados:

«Se fôssemos colonizados decentemente – ou seja, até ao ponto em que nos pudéssemos **dar ao luxo de dizer** “Chega!” –, não seríamos obrigados a gramar as mediocridades, [...] a que nos fomos tristemente habituando.» (1999:264)

em que o segmento adverbial condicional «Se fôssemos» e o verbo auxiliar «pudéssemos» no Pretérito IMP do Conjuntivo (à semelhança de outros tempos inactuais⁹⁹) é operador de uma transposição fictiva¹⁰⁰ do marco de referência enunciativo. Verificamos que o locutor, imaginando-se num passado hipotético, que não existiu, cria um contexto referencial distinto do *agora* da enunciação, evocando e condensando, através da EI, a potencial autoridade e pretensiosismo que “nós” (Portugueses) teríamos, naquele preciso momento, para *pôr cobro* a tal situação indesejada.

De facto, o poder de condensar o discurso *está nas mãos da* EI. Neste âmbito, daremos conta, de seguida, de que a condensação representa uma outra grande – e não menos importante – potencialidade da EI em contexto de discurso relatado.

2.1.4 A EI CONDENSA O DISCURSO PRIMITIVO

Ainda em contexto de discurso relatado – agora, em discurso indirecto – eis um potencial, a não descurar, do emprego fraseológico: a EI permite ao

⁹⁹ Cf. FONSECA, Fernanda Irene, 1992:135-139.

¹⁰⁰ Ibidem.

locutor-relator condensar a seu bel-prazer, de forma infiel (pois, não há uma transposição canónica do DD para o DI), logo modalizada, a enunciação do outro – isto é, o discurso primitivo¹⁰¹. A este propósito, Duarte, I. afirma que «a compreensão da enunciação inicial implica sempre uma reformulação interior por parte do relator, que é mais profunda e mais notória [...] no caso do DI.» (1994:86).

Gauvenet refere, também, «qu'il s'écoule un temps x entre le 1^{er} et le 2^e acte d'énonciation, et que le récepteur du message 1 ne part pas – lorsqu'il le rapporte – de la forme littérale du message, mais de la signification qu'il lui a donné [...]» (1976:10). Poder-se-á, assim, afirmar que «le décodage de l'énoncé par R. conduit à une reformulation intérieure qui lui est personnelle.» (ibidem :11).

Analiseemos os exemplos que se seguem:

«Quando, ao fim de várias tentativas de diálogo, contrato e suborno,[...] o velho, que deve ter uns 130 anos, pôs os punhos no ar e começou a dançar para mim e a chamar-me **filho disto e daquilo**.» (1999:44)¹⁰²

¹⁰¹ Um exemplo retirado de um artigo intitulado *Um Tempo de Crispação*, publicado no *Jornal de Notícias*, da autoria de Sérgio Andrade (o autor escreve no JN, semanalmente às terças-feiras), atesta esta nossa tomada de posição:

«A máquina da justiça ameaça entrar "en panne". As forças policiais prometeram **cobras e lagartos** se lhes tirarem certas regalias [...]» (JN, 20-09-2005).

Testando a transposição do segmento anterior (em DI) para o DD, facilmente constatamos a sua inviabilidade:

*As forças policiais afirmaram: Prometemos **cobras e lagartos** se nos tirarem certas regalias.

¹⁰² O título da crónica é: *A Aventura da Velhice*.

Se MEC tivesse optado pela transposição canónica do DD em DI, teríamos – especulando, obviamente – algo como “O velho [...] chamou-me malcriado, ingrato, arrogante”, ou, até, algo de carácter mais obsceno. Contrariamente, o cronista optou intencionalmente por não divulgar *ipsis verbis* o conteúdo da fala do seu interlocutor, limitando-se (talvez por deferência ao velho ou por orgulho e preconceito próprios) a reformular o conteúdo das palavras a si dirigidas, resumindo-o metaforicamente através da expressão em destaque;

«Já ninguém diz, filosoficamente, obedecendo à natureza de tudo o que Portugal ainda tem de português, que “vim para aqui porque calhou”, ou porque foi o pai que ensinou ou o tio que arranjou ou **o diabo que teceu.**» (1999:98)¹⁰³

Verifica-se, neste exemplo, que em termos de fidedignidade ao enunciado primeiro há uma gradação descendente do discurso relatado. Ou seja, o relator começa por, recorrendo à ilhota textual, transcrever fielmente a enunciação-primeira «Já ninguém diz [...] que “vim para aqui porque calhou”»; serve-se, de seguida, do DI «Já ninguém diz [...] que [...] foi o pai que ensinou ou o tio que arranjou»; e recorre, por fim, à EI destacada como meio de resumir as restantes palavras de «ninguém», mas que outrora pertenceram aos trabalhadores portugueses.

Esta última atitude-relatora, – e tendo em linha de conta o valor

¹⁰³ O título da crónica é: *A Aventura do Trabalho*.

fraseológico da EI¹⁰⁴ – representa uma reformulação pejorativa e um consequente desprestígio pelo discurso *do outro*. Comportamento, este, compreensível pelo facto de no *agora* da enunciação tal enunciado se revelar inadequado, logo inverosímil, ao contexto sócio-cultural de então;

«Os portugueses não são pessoas complicadas. São é complicadoras.[...] Em Portugal, não há assunto que não seja “inesgotável”, nem escriba de artiguinhos que não comece por confessar que está “longe de nós pretender uma análise exhaustiva”. [...] Estas pessoas são os peritos que nos explicam, com exactidão, **o que o cu tem a ver com as calças.**» (2002:290)¹⁰⁵

Não ter que ver o cu com as calças constitui um segmento metafórico que se diz de coisas que não têm qualquer relação entre si. Atribuiremos a esta expressão a designação de «denominação lexical genérica» (Figueiredo, 2001c:1), dado que constitui «uma unidade codificada e convencional sempre pronta a servir a intencionalidade do locutor» (Ibidem) em qualquer contexto/situação comunicacional. Do ponto de vista do leitor, esta EI revela-se pobre em termos informativos, uma vez que não há um porto de ancoragem semântico ao qual possamos associá-la. Ou seja, o receptor está impedido de proceder a uma representação mental do segmento destacado, interrogando-se certamente sobre: explicam verdadeiramente o quê? De que forma? Em que contexto?

Parece-nos, no entanto, que a atitude reformulativa do relator ao

¹⁰⁴ Valor fraseológico: Não importa o quê; conjunto de considerações irrisórias ou tidas como lugares-comum.

¹⁰⁵ O título da crónica é: *Tudo*.

resumir a enunciação através da EI não tem por objectivo fornecer ao leitor o conteúdo exacto da fala, mas tão-somente lançar uma crítica feroz ao sujeito da enunciação, e por inerência, desconsiderar e desacreditar o seu discurso. Houve uma atitude deliberada do relator em privilegiar o seu ponto de vista – *oferecendo-o de mão beijada* ao leitor através da EI – em detrimento de uma reprodução fidedigna do enunciado primeiro, apagando-o;

«Os canhotos [...]. Dizem **cair de joelhos** diante do primor artístico de autores retintamente de Direita, para que fique sabido que não confundem a Arte com a Política [...].» (2002:50)¹⁰⁶

MEC, a propósito dos esquerdinos, poderia ter afirmado que estes admiram muito o «primor artístico» dos autores de Direita, que o veneram ou simplesmente que se rendem perante tal aptidão. É, no entanto, em tom jocoso e satirizante que o cronista define a admiração dos «canhotos», já que selecciona uma EI que, para além da metaforicidade que lhe é inerente¹⁰⁷, concentra em si um sentido literal hiperbólico (ninguém cai intencionalmente, batendo com os joelhos no chão sob pena de se magoar). Os esquerdinos *levam*, deste modo, *por tabela*, do relator, que os reduz a meros *João - Fernandes*¹⁰⁸;

«O chamado “nacional-porreirismo” introduz outro factor de complicação no problema, já que muitas pessoas **dizem bem** daqueles que sabem perfeitamente

¹⁰⁶ O título da crónica é: *Canhotos*.

¹⁰⁷ Valor fraseológico: Render-se perante algo/alguém por quem se nutre grande apreço e admiração.

¹⁰⁸ Valor fraseológico: Pessoa insignificante; que revela subserviência ou condescendência servil.

ser maus no que fazem, só porque são amigos ou “gajos porreiros.”» (2002:45)¹⁰⁹

A expressão *Dizer bem*, introduzida pelo cronista, constitui, *a nosso ver*, uma estratégia mais económica de relatar o discurso do outro, visto que, ao verbo *dicendi* *Diz* resta tão-somente ao relator acrescentar o morfema lexical «bem» – resultando, assim, numa EI.

Esta forma de “denominação lexical genérica” (é genérica porque se pode aplicar a múltiplos contextos, situações/casos) *traz ao de cima*, ou seja, retrata apenas o denominador comum («bem») de todas as afirmações que o enunciador-primeiro possa ter proferido (ex.: Eles são simpáticos, inteligentes, proficientes, responsáveis). Assim, o relator optou por não particularizar os vários epítetos enaltecadores atribuídos pelas pessoas aos «gajos porreiros», decidindo, então, condensá-los no segmento idiomático destacado.

É curioso verificar que, se, por um lado, recai sobre o eu-relator toda a responsabilidade pelo trabalho de condensação, de reformulação e de resumo (transposição infiel do enunciado primeiro para o enunciado segundo) que operou sobre o discurso primitivo, se instaura, por outro lado, uma quota-parte de desresponsabilização do relator sobre o seu próprio discurso ao convocar a voz do povo¹¹⁰ – do discurso repetido – encarnada nas várias EIs que seleccionou.

¹⁰⁹ O título da crónica é: *Bom*.

¹¹⁰ A voz “de ninguém” e concomitantemente a “de todos nós”.

A instauração desta isenção parcial de responsabilidade é claramente notória ao longo das várias crónicas de MEC. Fruto do livre arbítrio de que goza, o A. declina responsabilidades de forma consciente e no-lo dá a perceber de forma visível, através das marcações gráficas com as quais ladeia os segmentos idiomáticos que emprega. Elaboraremos um pouco mais sobre este aspecto no ponto que se segue.

2.1.5 AS EIS (GRAFICAMENTE MARCADAS) DENUNCIAM A PRESENÇA DO LOCUTOR-RELATOR

Folheando algumas das crónicas coligidas nas obras de MEC sobre as quais nos temos vindo a debruçar, *damos de caras* com inúmeros segmentos cristalizados (coincidentes com sentenças, solidariedades lexicais, expressões idiomáticas em sentido estrito e estereótipos de nomeação) marcados graficamente por itálico ou por aspas.

Transcrevemos alguns:

Fórmulas Fraseológicas	Marcadas graficamente por ASPAS	Marcadas graficamente por ITÁLICO
Sentenças (englobando desde provérbios, aforismos e até citações)	«O trabalho dignifica e dá saúde» (1999:99); «É sempre o primeiro dia do resto da tua vida» (1999:78); «Cheira bem cheira a Lisboa» (1999:161); «Laissez-faire, laissez-passer» (1999:79); «Perdido por cem, perdido por mil.» (2002:139).	<i>E a luta continua</i> (2002:35); <i>dão luta</i> (2002:35)
Solidariedades lexicais ¹¹¹	«Operação de charme» (1999:190). «deixa-andar» (1999:98);	<i>Cá nos vamos aguentando (cá se vai aguentando)</i> (1999:149); <i>o que Deus quiser</i> (2002:33)
Fraseologias em sentido estrito ¹¹²	«os olhos da cara» (1999:203); «pela hora da morte» (1999:203). «sabe de si» (1999:78); «invade o espaço» (1999:78); «Não te prendas.» (1999:78); «Traga água no bico» (2002:55);	<i>É o amor em pessoa</i> (1999:75); <i>passa pela cabeça</i> (2002:53).
Estereótipos de nomeação ¹¹³	«falo» (1999:63).	<i>Genitália, coiso, pilinha, pipi</i> (1999:63); <i>pirilau</i> (1999:64).

¹¹¹ «La solidaridad es la relación entre dos lexemas (pertenecientes a campos lexicais diferentes) de los que el uno está comprendido, en parte o en su totalidad, en el otro, como rasgo distintivo (sema) que limita su combinabilidad.» (Coseriu, 1977:140).

¹¹² Vilela (2002a:162) denomina *fraseologias em sentido estrito* «as combinações de palavras (ou grupos de palavras) relativamente estáveis cujo significado global interno difere do significado global externo de uso dos constituintes individuais em combinações livres.».

¹¹³ Vilela (2002a:172) usa três critérios definidores de *estereótipos de nomeação*:

- « - ocorrências frequentes e prováveis (podendo haver alguma presença da metaforicidade): *opinião pública, estado de direito, cara metade, ponto negro*;
- unidades toponímicas não idiomáticas: Mar Negro, Universidade Pedagógica, Rio Grande do Sul;
- unidades de nomeação não idiomáticas: pais e filhos, noite e dia, quinta-feira, etc.»

À primeira vista, poder-se-á pensar que o conteúdo metafórico veiculado pelas diversas fórmulas fraseológicas desresponsabiliza o cronista pela (s) interpretação(ões) que o leitor delas possa retirar, mas, se, por um lado, não é ele, de facto, o responsável, - uma vez que se trata(m) de expressões e fórmulas há muito congeladas na língua e há muito disponíveis e partilhadas pela comunidade de falantes, - por outro lado, somos levados a concluir e a depreender que, pela própria inclusão gráfica materializada em aspas e, ou, itálicos (da sua inteira responsabilidade) com que contorna os referidos segmentos textuais, a intervenção do relator se denuncia de forma flagrante. É como se dissesse: «Estas palavras não são da minha autoria, mas subscrevo-as inteiramente.»

A par das marcações gráficas, a presença do enunciador-relator revela-se, por outro lado, *à vista desarmada* através de «marcas linguísticas que acompanham a enunciação» (Figueiredo, 2001c:5), provando, deste modo, quer o seu «carácter convencional» (Ibidem), quer a ausência de direitos de autor. Transcrevemos de seguida alguns segmentos textuais em que a marca linguística (sublinhada) surge no cotexto à direita da fraseologia,

«Vir ***em cima da hora***, como indica a própria brutalidade da expressão é uma actividade mais do que levemente obscena e socialmente desencorajada.» (2002:278)¹¹⁴

«Mais tarde a necessidade da vida, de “**andar para a frente**” – expressão horrorosa – toma conta de nós.» (1999:4)¹¹⁵

¹¹⁴ O título da crónica é: *Tempo*.

¹¹⁵ O título da crónica é: *A Aventura do Presente*.

ou maioritariamente à esquerda:

«À parte as ilações sócio-lógicas que se fariam acerca das mudanças na divisão do trabalho, na unidade familiar, o que é claro é que a expressão **“ter a papinha toda feita”** já não implica a presença de alguém que a “faça toda” [...].» (2002:216)¹¹⁶

«Talvez todos os acontecimentos vivos que, segundo a feliz expressão **passam à História**, partilhem com ele essa comezinha tragédia.» (2002:220)¹¹⁷

«O mais das vezes são lançados para a fogueira pelos superiores, segundo a lógica portuguesa do **atar-e-pôr-ao-fumeiro** que invariavelmente contempla a atribuição dos lugares mais “quentes” (Administração Interna, Comunicação Social, RTP, etc.).» (2002:257)¹¹⁸

«E, de qualquer modo, como diz o povo, **enquanto o pau vai e vem, folgam as costas**.» (1999:64)¹¹⁹

«Para além da simpatia da expressão **“força na verga”**, a ideia de *verga* tem ao menos a modéstia de reconhecer que pode, por assim dizer vergar.» (1999:65)¹²⁰.

Estes sete últimos exemplos demonstram a atitude deliberada por parte de MEC de se ilibar da responsabilidade e da autoria daquelas fórmulas fixas, como património linguístico do povo e pertença de ninguém em particular. Se por um lado, o cronista se apaga e *sai de cena* voluntariamente na medida em que convoca a voz do povo e no-lo diz aberta e visivelmente através dos segmentos que sublinhámos, por outro lado, ele próprio se atribui um papel

¹¹⁶ O título da crónica é: *Papa*.

¹¹⁷ O título da crónica é: *Papel*.

¹¹⁸ O título da crónica é: *Queimanço*.

¹¹⁹ O título da crónica é: *A Aventura do Coiso*.

¹²⁰ Ibidem.

de comentador/avaliador das fraseologias que lança no seu discurso. Ou seja, um olhar atento às já referidas marcas sublinhadas denota as várias apreciações do locutor, sendo estas:

de teor enaltecedor

- segundo a feliz expressão
- Para além da simpatia da expressão;

de carácter neutro

- como *diz o povo*
- *a expressão*;

de pendor negativo

- como indica a própria brutalidade da expressão
- expressão horrorosa;

e até de índole irónica

- segundo a lógica portuguesa do.

Tanto os delimitadores gráficos (aspas e itálicos) como as marcas linguísticas antepostas ou pospostas às EIs nos permitem retirar três conclusões relativamente à presença/ao papel do eu-relator. Conclui-se, assim, que houve:

- uma intenção deliberada de optar pela técnica do discurso repetido (voz do povo) em detrimento do emprego da técnica do discurso livre;

- um processo de selecção meticoloso, ou seja, um *escolher a dedo* aquele segmento idiomático em particular e não um outro;
- uma preocupação e um empenho no sentido de o integrar coesiva e coerentemente no seu ritmo argumentativo-discursivo.

É precisamente sobre coesão e coerência textual que nos vamos deter no ponto seguinte, verificando, com exemplos retirados das obras já mencionadas de MEC, que as EIs podem revelar-se um excelente elemento estruturador do discurso.

3 - Contribuição referencial da EI na estruturação textual

3.1.1 CONTRIBUIÇÃO ANAFÓRICA¹²¹ DA EI

«No discurso, – as fraseologias são – caracterizadas por uma alta capacidade textualizadora (capacidade criativa de ligação, de associação e modificação) e por uma capacidade comunicativa muito rica.»

Mário Vilela

«O fenómeno da nominalização reside na sua capacidade em operar uma transformação lexical e sintáctica [...]. Estabelecida uma equivalência de sentido com o antecedente, um novo procedimento reclassificatório é accionado.»

Olívia Figueiredo

Várias são as relações estruturadoras que, ao nível da coesão, conferem a um texto carácter de unidade dotado de sentido e significação, distinguindo-o dum amontoado de palavras ou simples alinhamento de frases. Entre essas relações que, relacionando e localizando elementos próximos ou distantes, contribuem para a coesão de um texto, oral ou escrito, de maior ou

¹²¹ Como é evidente, o termo anáfora não é tomado, aqui, na acepção que os estudos estilísticos lhe atribuem, ou seja, não se trata daquela figura de estilo que consiste na repetição da (s) mesma (s) palavra (s) no início de diversas frases ou segmentos de frases.

menor dimensão, encontra-se o processo de anaforização, também designada por relação ou referência anafórica, ou por anáfora, simplesmente¹²².

Há construção anafórica quando a identificação da referência de um determinado elemento resulta da retoma, total ou parcial, da referência de um outro elemento anteriormente introduzido no enunciado ou no texto de que faz parte.

Numa relação anafórica, tanto o termo antecedente como o termo anafórico podem ocorrer com outras realizações gramaticais, tais como: pronominal, adverbial, verbal, nominal, entre outras.

A anáfora por nominalização, também chamada resumativa ou conceptual, “apresenta-se como um dos factores essenciais que contribui simultaneamente para a continuidade referencial e para a coesão-progressão textual (O. Figueiredo, 2002:217). Este funcionamento coesivo e de progressão textual advém de uma propriedade básica deste tipo de anáfora: a de condensadora da informação, com valor resumativo e meta-discursivo.

A retoma anafórica nominal resumativa pode, de acordo com Figueiredo (2002:218), fazer-se ou sobre a enunciação anterior (normalmente sobre o verbo relator ou introdutor do discurso relatado) ou globalmente sobre o enunciado (conteúdo proposicional). É precisamente estes dois funcionamentos, aliados a diferentes procedimentos reclassificatórios, que pretendemos analisar num extracto de *A Causa das Coisas*, de Miguel Esteves

¹²² São vários os elementos responsáveis pela coesão sequencial ou de superfície (conectores, tempos verbais, artigos, substitutos pronominais e lexicais, a paráfrase, a elipse, a reformulação, entre outros.).

Cardoso, o qual se passa a transcrever¹²³:

«A vida de qualquer rapaz deve ser ler, escrever e **correr atrás** das raparigas. Esta última parte é muito importante. Hoje em dia, porém os rapazes de Portugal já não **correm atrás** das raparigas – **andam com** elas. A diferença entre «**correr atrás**» e «**andar com**» é, sobretudo, uma diferença de energia.[...]

Os rapazes de hoje já não perguntam às raparigas se os anjos desceram à terra, ou que bem fizeram a Deus para lhes dar uns olhos tão bonitos. Dizem laconicamente, com ar indiferente que marca o «**cool**» da contemporaneidade «**Vamos aí?**». Ou simplesmente «**'bora aí?**». Nos últimos tempos, tanto em Lisboa como na linha de Cascais, esta economia de expressão atingiu até o cúmulo de se cingir a um breve e boçal «**Bute?**». «Bute» significa qualquer coisa como «*Acho-te muito bonita e desejável e adoraria poder levar-te imediatamente para um local distante e deserto onde eu pudesse totalmente desfazer-te em sorvete de framboesas*». Mas, como os rapazes só dizem «**Bute?**», são as pobres raparigas que têm de fazer o esforço todo de interpretação e de enriquecimento semântico. São assim obrigadas a perguntar às amigas «*Ó Teresinha, o que é que achas que ele queria dizer com aquele bute?*». E chegam à desgraçada condição de analisar as intenções do rapaz mediante uma série de considerações pouco líricas – foi um «Bute» terno ou ríspido, sincero ou mentiroso, terá sido apaixonado ou desapaixonado? [...]

Há uma medida eficaz contra a banalização e simplificação das relações amorosas, mais portuguesa que escandinava, e mais agradável do que **andar a**

¹²³ As marcações gráficas veiculadas pelos negritos e sublinhados são da nossa autoria.

butes – é *namorar*. É urgente acabar com esta modorra vilar-de-mourisca das «amigas» e das «companheiras», do «bora aí» e do «vamos curtir», que tanto vem deprimindo os apetites e as imaginações dos rapazes e das raparigas de Portugal.»

MEC, 2002 ¹²⁴

A primeira frase expõe a tese: «A vida de qualquer rapaz deve ser ler, escrever e correr atrás das raparigas». O emprego, por parte do locutor, da expressão “deve ser” (interpretada pelo leitor como *vox populi*) desresponsabiliza-o pelo enunciado. Esta asserção serve tão-somente de ponto de referência co-situacional, remetendo o leitor para um imperativo externo. Desta afirmação inicial, o enunciador pretende destacar apenas uma parte, a última – coincidente com o segmento fraseológico que constituirá por si só o pólo de argumentação central a partir do qual se desenrolará todo o percurso ideológico-discursivo: “correr atrás” –, como no-lo demonstra a anáfora resumativa que inicia a segunda frase «Esta última parte».

O emprego desta anáfora resumativa sobre o enunciado (AE) – também chamada *segmental* porque “só retoma uma parte do segmento” (O. Figueiredo, 2003:244) – permite ao cronista retomar o último segmento do conteúdo proposicional imediatamente à esquerda (o segmento fraseológico) e consequentemente introduzir um comentário sob a forma superlativa absoluta analítica «muito importante». A introdução desta anáfora pelo determinante demonstrativo «Esta» facilita “a inserção do conceito no encadeamento textual, assegurando o seu destaque ao mesmo tempo que o

¹²⁴ Extractos da crónica intitulada *Piropo*.

reactiva” (O. Figueiredo, 2002:219).

Após ter destacado o último segmento da tese inicial, o locutor, na terceira frase, retoma-o novamente, agora por meio da repetição quase total – (digo quase, pois o verbo “correr” surge conjugado, ou seja, houve uma desfixação da EI por adaptação ao contexto)¹²⁵ – para a poder negar «já não correm atrás das raparigas». Este processo de retoma e consequente negação do segmento linguístico permite ao enunciador reformulá-lo e reclassificá-lo, introduzindo um novo segmento idiomático «andam com (elas)». Esta retoma permite não só a “retroactividade”, mas também uma “orientação prospectiva-argumentativa” (O. Figueiredo, 2002:219).

No segundo parágrafo, surge a anáfora sobre a enunciação (AE) – ou *englobante* “porque sintetiza todo o conteúdo proposicional” (O. Figueiredo, 2003:244) – «esta economia de expressão», referindo-se aos estereótipos comunicacionais citados em discurso directo «Vamos aí?», «'bora aí?». Aqui, a retoma é realizada muito para além da simples enunciação¹²⁶, pois, há, de facto por parte do locutor, uma especificação-avaliação do acto enunciativo, veiculada pela expressão de índole genérica¹²⁷ “economia de expressão”.

Podemos verificar, ainda, através do segmento “um breve e boçal «Bute?» que o enunciador procura ainda topicalizar o modus pela introdução

¹²⁵ Utiliza-se o verbo no infinitivo para designar isolada e descontextualizadamente uma EI (**dormir como um prego**), no entanto, em contexto discursivo/textual, a conjugação do verbo torna-se imperiosa (Ontem à noite, o meu pai dormiu como um prego).

¹²⁶ Se a retoma recaísse apenas sobre a enunciação, teríamos no lugar de «esta economia de expressão», apenas, por exemplo «esta expressão».

¹²⁷ Nesta perspectiva, afirma O. Figueiredo “Como é menos o referente que importa que a sua função discursiva e a avaliação ou o modo de apreensão de que ele é objecto, na anáfora resumativa empregam-se sobretudo termos sincategoremáticos genéricos, dado estes nomes estarem mais preparados para englobar o conjunto do cotexto precedente e abrir o cotexto à direita” (2002:219).

da dupla adjectivação anteposta ao estereótipo de comunicação juvenil. Esta relação metadiscursiva entre o módulo interaccional e o módulo enunciativo possibilita-lhe introduzir de seguida um segmento discursivo com uma orientação informativo-explicativa «[...] significa qualquer coisa como “Acho-te muito bonita e desejável e adoraria poder levar-te imediatamente para um local distante e deserto onde eu pudesse totalmente desfazer-te em sorvete de framboesas”».

O uso programado e persistente do mecanismo linguístico da anáfora conceptual possibilita ao locutor intervir não só sobre os comportamentos e dizeres dos interlocutores, mas também – e é curioso verificar, nesta última transcrição, – encarnar o papel/a voz de um qualquer rapaz de Portugal.

Este empréstimo de voz, por parte do enunciador constitui uma, entre muitas, tentativa possível de interpretação do significado da expressão estereotipada e já cristalizada na língua “Bute?”. Verificamos, pois, que no segmento textual mais à direita, o enunciador retoma anaforicamente, por meio da expressão de índole resumativa “o esforço todo de interpretação e de enriquecimento semântico” (esforço este a cargo das “pobres raparigas”), o conteúdo proposicional da sua interpretação.

Ainda no mesmo parágrafo, o segmento linguístico “as intenções do rapaz” retoma inferencialmente o cotexto anterior em discurso directo «*Ó Teresinha, o que é que achas que ele queria dizer com aquele bute?*», resumindo e classificando o conteúdo da proposição, através do nome “intenção”, sinónimo contextual de “querer dizer”.

Outra reflexão que merece destaque é verificar que o enunciador apresenta a sua enunciação «uma série de considerações pouco líricas» como a retoma de um número ilimitado de actos de fala (alguns anteriormente referidos no texto, outros passíveis de serem proferidos por um qualquer rapaz de Portugal). Ao mesmo tempo que constata, o locutor-intérprete denuncia, julga e qualifica. Esta estratégia, revitalizadora do discurso, assenta no emprego da expressão “pouco líricas” que comumentemente não tem relação existencial com a expressão “considerações”. Este tom irónico veiculado pela anáfora resumativa-conceptual “considerações pouco líricas” permite ao enunciador modalizar o discurso a seu bel-prazer, exprimindo neste caso uma semelhança desfavorável. O argumento de autoridade apresenta-se aqui reforçado pelo uso do advérbio «pouco» e do adjectivo «líricas», considerados como satélites modais.

No último parágrafo, MEC serve-se da anáfora conceptual «esta modorra vilar-de-mourisca» para resumir a grande falta de rigor e de vitalidade daquelas “considerações” que ele próprio qualificou de “pouco líricas”. Note-se que para além da voz do cronista e dos seus interlocutores o emprego da EI “vilar-de-mourisca” permite introduzir/convocar também a voz colectiva, a voz do povo.

Esta análise, sobre a capacidade de a EI poder abrir e fechar uma ideia/argumento e de estabelecer também uma ligação e articulação entre eles, permitiu-nos conhecer um pouco melhor o emprego, as propriedades e as diferentes funcionalidades das EIs (e ainda de alguns estereótipos

congelados) em torno do procedimento anafórico resumativo no texto, já citado, de Miguel Esteves Cardoso.

Após esta explanação de carácter abrangente, procuramos, de seguida, e de forma particularizada, demonstrar, através de sequências textuais mais reduzidas, que o segmento fraseológico serve de ponto de partida argumentativo e de elo de ligação na estrutura discursiva:

«Bleaargh! A coisa que mais detesto nos Portugueses é o culto do sofrimento. As pessoas sofrem e dizem que sofrer “**faz calo**”. É repulsivo. Calo, por amor de Deus – porque é que alguém há-de querer fazer uma coisa dessas? Passam pelas maiores amarguras e em vez de tentar esquecê-las dizem que “**criou carapaça**”, [...]. Qual carapaça, qual carapuça de campino.» (1999: 106)¹²⁸.

O locutor começa por opinar desfavoravelmente sobre a constatação genérica (genérica porque recai sobre o termo genérico “Portugueses”), de que o sofrimento é comumentemente encarado de forma positiva. Apresentada a tese da sua exposição, o cronista decide reformulá-la: «As pessoas sofrem e dizem que sofrer “faz calo”». A expressão *fazer calo*, cujo conteúdo interpretativo recai semanticamente sobre o *sofrer*, permitiu ao enunciador não só retomar o conteúdo proposicional à esquerda, como também lhe *abre caminho*, no decorrer póstumo do texto, para instaurar um contra-argumento retórico –, destacando um elemento pertencente ao segmento cristalizado «Calo, por amor de Deus – porque é que alguém há-de

¹²⁸ O título da crónica é: *A Aventura de Sofrer*.

querer fazer uma coisa dessas?».

O emprego da expressão metafórica *criou carapaça*, que por inferência o leitor apreende como sinónima de *faz calo*, também só foi viável pela existência no cotexto à esquerda desta última expressão. Aquela, por sua vez, vai motivar e permitir o surgimento de uma outra EI de laivos interjectivos «Qual carapuça».

Numa outra crónica intitulada *A Aventura da Sorte*, o locutor manifesta uma surpreendente destreza imaginativa no uso que faz da língua ao seleccionar a expressão metafórica *caem-me do céu* que tão bem explicita e retoma o título da sua crónica – é como se esta expressão constituísse um prolongamento ou um subtítulo do título. A variação da EI marcada pelo pronome “me”¹²⁹, remete o leitor para o objecto sobre o qual recai a sorte – o próprio sujeito da enunciação:

«As coisas ***caem-me do céu***. Essa é a verdade desde o dia em que nasci. Tive tanta sorte, tão cedo, em tudo [...].» (1999:8)

Para além de retomar semanticamente o título da crónica, a instauração desta fraseologia, servindo de *motor de arranque* – como no-lo comprova o segmento anafórico resumativo “Essa é a verdade” que sobre ela

¹²⁹ Estamos perante um caso em que «a variação da expressão fraseológica representa a violação das regras combinatórias livres pela mudança de categoria de circunstantes que passam a actantes obrigatórios (sem a presença desses elementos a expressão deixa de ser fraseológica):

caíram-lhe/me os parentes na lama;
caiu-me o coração aos pés;
saiu-me um peso de cima das costas [...].» (VILELA, 2002a:167).

recai¹³⁰ – permite a MEC enumerar prospectivamente no cotexto à direita, nos períodos seguintes e até ao final do texto factos e contra-factos intrínsecos e irrefutáveis: «Tive tanta sorte»; «Faço tudo ao contrário e sai-me tudo certo»; «Não tenho medo de perder tudo o que tenho»; «Pensei que ia “pagar” tudo mas não há maneira»; «Não há nada a fazer. Literalmente.».

Uma outra potencialidade da EI diz respeito ao facto de esta – qual provérbio – poder rematar o texto, situando-se no final de algumas crónicas. Da crónica intitulada *Chá*, transcrevemos o último parágrafo,

«Não. Nem o café brasileiro, nem o cacau africano podem alguma vez compensar a nossa portuguesa **falta de chá**.» (2002:61)

em que a fraseologia retomando o título – já que este constitui um dos seus morfemas integrantes – permite também ao locutor fechar o seu texto em círculo;

«A memória é uma coisa que **não lembra ao diabo**.»
(1999:112)

com esta frase MEC finaliza o último parágrafo da crónica intitulada *A Aventura da Memória*. A EI surge aqui como um balanço final de tudo o que foi referido ao longo do texto, caracterizando por seu turno a tal Aventura associada à memória;

¹³⁰ São inúmeras as ocorrências de EIs no texto com a função bem marcada de ponto de partida para uma posterior orientação metadiscursiva. Salientamos uma:

«Mas não dura. Diz que não pode. Mais tarde a necessidade da vida, de “**andar para a frente**” - expressão horrorosa - toma conta de nós.»
(1999:4).

«O “gugú-dadá” dos anos 80 nem é gugú nem dadá. **É** apenas **gagá**.» (2002:143)

A EI inserida neste parágrafo, com o qual o autor põe termo à crónica *Juventude*, visa modalizar de forma metafórica e resumida aquele estágio de desenvolvimento do ser humano;

«Pois então, 1990 está à porta e é em nome de todos os portugueses que vos tenho de pedir humildemente que não nos **enchouricem** mais **o juízo**. Muito obrigado.» (1999:148)

Esta transcrição constitui a frase com a qual MEC remata a crónica *A Aventura dos Chumaços*. A fraseologia, usada ao serviço de um jogo de palavras directamente associado ao título (Chumaço - enchumaçar - enchouricar), espelha a opinião do autor face à tradição tipicamente portuguesa de colocar «aquelas almofadas» em determinadas peças de vestuário. Segundo ele, é uma moda que só serve para *encher chouriços*, por isso, pede ao povo português que não o(s) incomode(m) mais com o referido assunto, terminando o seu texto com a expressão, apenas antecedida por um agradecimento final, *(não) me enchouricar o juízo*.

Outros segmentos metafóricos surgem ao longo das crónicas que, estabelecendo uma relação predicativa com o cotexto anterior através da condensação da informação antecedente permitem fazer avançar o texto

numa outra orientação argumentativa¹³¹:

«As coisas que não se deixam continuar, que podiam ter sido e não foram, as luzes que não se viram e as escuridões, os calores que não aqueceram e os dias frios, são as mais tristes de todas. Não são **tempos mortos**. Não tiveram essa oportunidade. São tempos assassinados.» (1999:5)¹³².

A expressão *tempos mortos* se, por um lado, retoma metaforicamente e de forma resumida todo o período anterior, possibilita também ao enunciador jogar argumentativamente, à direita, com a retoma anafórica da expressão fraseológica agora reformulada “tempos assassinados” – recorrendo, para tal, ao mecanismo da anáfora fiel (pela repetição do nome “tempos”) e da anáfora infiel (em que “mortos” e “assassinados” apesar de constituírem lexemas semanticamente distintos, partilham o mesmo denominador comum “não estar vivo, activo”)¹³³. Este jogo de interpretação dupla permite-lhe, assim, reforçar ainda mais a expressividade idiomática daquela expressão cristalizada¹³⁴.

¹³¹ Analisamos uma passagem que “subscreeve” a nossa afirmação. No início da crónica *A aventura dos 85000*, MEC afirma: «Como é que o povo espera que eu goste dele, se patentemente não gosta de mim.». Após nove parágrafos decorridos em considerações de vária ordem, o A. afirma: «Mas **voltando à vaca-fria**. Porque é que o povo não gosta de mim? Será das orelhas?» (1999:233-235).

¹³² O título da crónica é: *A Aventura do Presente*.

¹³³ A propósito de equivalência de sentido, eis uma passagem:

«Tu estás mas é maluco! Expressão frequente. Tem variantes modernas, como **não arrumar bem a roupa na mala, não bater bem as bolas**» (1999:217)

em que o autor se serve de duas fórmulas congeladas - e sinónimas entre si - como sinónimas da expressão primeira pertencente ao discurso livre.

¹³⁴ Outros exemplos deste jogo de sentidos, o literal e o fraseológico:

Eis outro segmento discursivo/textual em que a EI *Por estas e por outras*:

«Torna-se cada vez mais importante fazer o elogio da pobreza [...]. Basta achar, como fazem os marxistas, que as pessoas não deveriam ter mais do que precisam, ou como acontece com os conservadores, que as pessoas se devem contentar com o que têm, seja muito ou pouco. **Por estas e por outras** é que só na verdadeira Esquerda (PSR, PCP) e na verdadeira Direita (a conservadora, sem partido) se encontra hoje um mínimo de moralidade.» (1999:99)¹³⁵

permite ao A. retomar metafórica e resumidamente não só o conteúdo proposicional situado à esquerda (marcado pelo sublinhado) através do lexema idiomático «Por estas», mas também marcar pela sequência idiomática «por outras» a ausência deliberada, no texto, de outras opiniões partidárias.

A anáfora infiel como mecanismo coesivo ao serviço da referência nominal surge numa outra sequência merecedora de destaque,

«Emergirá com o conceito que quase todas as raparigas aprendem aos três anos de idade: o conceito do critério. Afinal nem **tudo o que vem à rede é peixe...** e mesmo que fosse, considerando que só se

«Se a **alma dói**, dizem-nos que é sinal que se tem qualquer coisa no peito com que doer.» (1999:18);

«Quando estamos **presos pela cintura**, por uma corda que podia ser melhor, das de supermercado se calhar, com um daqueles capacetes absurdos que têm uma lâmpada, a baloiçar ao Deus-dará a mil metros de profundidade (...)» (1999:13).

¹³⁵ O título da crónica é: *A Aventura do Trabalho*.

gosta de robalo, ou de faneca. Dantes sentia-se obrigado a atirar-se a todas as raparigas. É um alívio poder atirar-se só àquelas de que gosta.» (1999:49)¹³⁶

na qual os nomes “robalo” e “faneca” são *repescados*, ou seja recuperados, por hiponímia a partir da leitura literal de um dos elementos externos do hiperónimo “peixe”, e projectados discursiva e anaforicamente na sequência argumentativa seguinte.

Ainda no âmbito da anáfora infiel, e de *olhos postos* na riqueza e expressividade que a inclusão da EI confere ao texto e, neste caso específico, a uma sequência discursiva,

«Os filhos são preciosos [...] trazem a incerteza duradoira [...] uma pobreza saudável [...] uma permanente e inconsolável angústia [...]. Os **pequenos diabos** têm asas e semeiam o caos e o céu.» (1999:16)¹³⁷

salientamos a capacidade de a fraseologia *pequenos diabos* poder substituir criativamente o termo “filhos” em função do contexto. Estabelecendo uma equivalência de sentido com o segmento textual precedente, esta anáfora infiel criativa, possibilita ao enunciador introduzir uma mudança de perspectiva sobre os factos anteriormente enunciados. A presença da expressão «pequenos diabos» apaga a neutralidade do termo «filhos», instaurando no discurso a visão terna do enunciador face aos descendentes.

No enquadramento linguístico da anáfora nominal, há ainda a remarcar

¹³⁶ O título da crónica é: *A Aventura da Experiência*.

¹³⁷ O título da crónica é: *A Aventura de ser Pai*.

como elemento estruturador e desencadeador do discurso a anáfora associativa¹³⁸,

«Havendo falta de **Vergonha-na-Cara** em determinada população, a coisa vai desaparecendo. Deixa de afectar a cara inteira e localiza-se exclusivamente nas bochechas.» (1999:243)¹³⁹

em que “bochechas” (parte irrefutável do todo “cara”) retoma literalmente o último lexema da expressão *Vergonha-na-Cara*, projectando-se no texto para dar continuidade ao potencial imagético de que aquele se reveste.

Este exemplo permite-nos verificar que, no âmbito da anáfora associativa, o fraseologismo lança o *todo* “Cara”, o qual desencadeará no seguimento argumentativo *a posteriori* a recuperação de uma *parte* integrante e intrínseca “bochechas”.

Chamamos, no entanto, a atenção para o facto de se poder dar o contrário, ou seja, em que a argumentação lança o *todo*, ao qual a expressão idiomática introduzida posteriormente recupera uma *parte*, instaurando-a no discurso por associação:

«É o que se “constata” nas chamadas casas de emigrantes, onde os vários estilos nacionais de *chalet* se casam com a tradição portuguesa, dando origem a inovações arquitectónicas autenticamente *européias* que

¹³⁸ Contrariamente às anteriores, esta anáfora é caracterizada pela não-correferencialidade, ou seja, não há no cotexto anterior um referente directo, mas tão-somente indirecto ao qual ela se “associa” como uma parte estereotipada e integrante do todo.

¹³⁹ O título da crónica é: *A Aventura dos Processos*.

não se encontram em parte alguma do mundo, excepto talvez nos **subúrbios de Tijuana**»¹⁴⁰

Ou, ainda, o surgimento num mesmo segmento das duas situações anteriormente descritas, em que a fraseologia apresenta a parte «dedinho» / «dedo» e no cotexto à direita se destaca não só uma das suas partes «falangeta», mas também o *todo* que a constitui «pé» (todo):

«**Dá-se-lhe um dedinho de teatro, dois dedos de leitura, uma falangeta de música** e ele não hesita em tomar o pé todo.» (2002:254)¹⁴¹.

Outro exemplo em que o fraseologismo é lançado no texto com valor metafórico e de forma desfixionada (pela intromissão de vários elementos no interior do segmento cristalizado):

«Tudo ***o que vem à rede*** neste país pode não ***ser peixe***, mas podem ter a certeza que acabará por fazer parte integrante da caldeirada» (2002:32)¹⁴²,

permite ao locutor, agora a partir da leitura literal do lexema “peixe”, projectar à direita o seu próprio contra-argumento «acabará por fazer parte integrante da caldeirada», em que “caldeirada”, retomando novamente o sentido metafórico por inferência associativa, estabelece um fio condutor com a parte integrante – o ingrediente obrigatório – “peixe”.

¹⁴⁰ Valor fraseológico: determinados locais recônditos e de difícil acesso; local desprestigiante e pouco recomendável.

¹⁴¹ O título da crónica é: *Público*.

¹⁴² O título da crónica é: *Baldas*.

Por último, consideramos pertinente destacar, ainda no âmbito do procedimento fraseológico anafórico, a seguinte sequência textual,

«A ciência probabilística demonstra que quando se persiste em ***deitar pérolas a porcos***, [...] qualquer leitãozinho aprende depressa a fazer um colar.» (2002:61)¹⁴³,

visto que, integrada numa oração subordinada adverbial com valor temporal (*quando se persiste em...*)¹⁴⁴, a expressão idiomática convida, desde logo, o leitor para uma transposição fictiva de intemporalidade.¹⁴⁵ O sentido deste primeiro enunciado completa-se na subordinante que, anaforicamente, dá a indicação do tom irónico-delicado (veja-se o diminutivo *leitãozinho*) com que o locutor-relator reveste o ponto de vista da “ciência probabilística”.

De seguida, procuraremos dar conta de que a coesão textual se estabelece, também, a par dos mecanismos anafóricos sobre os quais nos temos vindo a debruçar, pelo viés de procedimentos catafóricos.

¹⁴³ O título da crónica é: *Chá*.

¹⁴⁴ Há casos em que, curiosamente, o advérbio de tempo *Quando* faz parte integrante da expressão congelada:

«Os estrangeiros só bebem ***quando o rei faz anos***, mas é aos três e quatro litros, em jejum, de cada vez.» (2002:39).

A dupla interpretação deste segmento idiomático (Espaçadamente, raramente; em casos pontuais, em situações especiais), só é possível ver-se esclarecida no co-contexto discursivo-textual.

É o segmento posterior - introduzido pelo conector contra argumentativo (*mas*) - que, retomando a expressão temporal anafórica, esclarece o leitor sobre o valor metafórico da fraseologia, remetendo a sua interpretação mais para um tempo hipotético (em situações especiais e pontuais) do que para um número reduzido de vezes.

¹⁴⁵ Cf. FONSECA, Fernanda Irene, 1992:135-139.

3.1.2 CONTRIBUIÇÃO CATAFÓRICA DA EI

Contrariamente ao grande número de ocorrências, algumas das quais por nós atrás transcritas e analisadas, sobre a forma como os contributos anafóricos da EI concorrem para a coesão e progressão discursivo-textual, encontrámos apenas quatro exemplos da sua função catafórica. Esta reduzida amostra não nos demoveu, no entanto, de a transcrevermos e de sobre ela reflectirmos.

A EI pode ser, de facto, introduzida no texto/discurso com uma função catafórica, precedendo (contrariamente ao processo anafórico) o elemento linguístico que ela representa. Como forma de ilustrar esta nossa tomada de posição, propomos de seguida a análise de quatro excertos, em que destacamos a negrito a EI e através do sublinhado evidenciamos o(s) segmento(s) que *a posteriori* a retomam:

«Os alemães **não brincam em serviço**. [...]. Brincar em serviço não lhes passa pela cabeça. Ao contrário do português [...], o alemão trabalha quando tem de trabalhar e brinca quando tem de brincar. Não se força nem reprime. Cumpre no trabalho como na brincadeira.»
(1999:262)¹⁴⁶

Tendo por valor fraseológico o acto de desempenhar uma qualquer tarefa (laboral ou outra) com seriedade e proficiência, a expressão *Não brincar em serviço* é seleccionada pelo autor como forma de abrir a sua posição argumentativa, instaurando, desde logo, a tese de que os alemães

¹⁴⁶ O título da crónica é: *A Aventura da Alemanha*.

possuem virtudes inigualáveis enquanto cidadãos cumpridores e conscientes.

Uma vez lançada no discurso, a EI é recuperada por MEC no contexto imediatamente à direita pelo viés da sua variante na afirmativa «Brincar em serviço» para, logo de seguida, a negar – apoiado mais uma vez por outra fraseologia «não lhes passa pela cabeça».

Após esta sumária explanação enaltecadora do povo germânico, o cronista elabora um pouco mais (ver sublinhado), especificando o valor recuperado da fraseologia, com a qual inicia o segmento transcrito. Este desenvolvimento mais pormenorizado permite ao leitor apreender e ao autor apresentar o seu verdadeiro objectivo argumentativo, criticar os Portugueses. Ou seja, o autor não tem como pretensão última louvar os Alemães, mas tão-somente servir-se daquele bom exemplo para, de forma comparativamente oposta, enfatizar os aspectos menos bons do povo luso.

No segmento seguinte, à semelhança do anterior, a EI a negrito precede os segmentos linguísticos que ela representa (marcados pelos sublinhados):

«Até chegar aos dezanove anos um rapaz julga que, em matéria de raparigas, **tudo o que vem à rede é peixe**. Namora tudo o que se move. Se uma pestana bate, o coração rebenta. Se um arbusto treme, salta-lhe para cima. Um verso de amor, um centímetro de tornozelo, um vestido às flores com um ser vivo lá dentro, um dia bonito ou um dia feio – qualquer coisa desencadeia a paixão.» (1999:47)¹⁴⁷

¹⁴⁷ O título da crónica é: *A Aventura da Experiência*.

MEC, *repescando* o conteúdo metafórico da fraseologia, projecta-o à direita de forma mais clarificada e exemplificativa («se uma pestana bate» / «se um arbusto treme») e no final apresenta-nos pela via do discurso livre a paráfrase da EI destacada «qualquer coisa desencadeia a paixão».

No terceiro exemplo, o mecanismo de referência catafórico veiculado pela expressão *Levar as coisas mais longe* é particularmente notório pela instauração à direita do elemento linguístico «Refiro-me»,

«O modelo do fogão é o modelo tradicional. No caso dos rapazes, marca Leão. No caso das raparigas, marca Portugal. Mas há quem **leve as coisas mais longe**. Refiro-me àquelas namoradeiras e àqueles malandros quase-profissionais que dispõem de um congelador.»
(1999:28)¹⁴⁸

permitindo ao cronista recuperar o conteúdo semântico da fraseologia e objectivá-lo de acordo com a sua intencionalidade argumentativa.

Estes três últimos exemplos, transcritos e analisados, em que as fraseologias escolhidas por MEC (*Não brincar em serviço* / *Tudo o que vem à rede é peixe* / *Levar as coisas mais longe*) veiculam um valor subjectivo, opaco e transversal –, isto é, poderiam ser utilizadas em vários e diferentes contextos comunicacionais dada a vasta amplitude semântica de que podem revestir-se, – explicam a necessidade de o autor utilizar a catáfora como mecanismo de referência coesivo-discursivo para explicitar objectivamente à direita a significação particular que pretende atribuir a cada uma delas.

¹⁴⁸ O título da crónica é: *A Aventura dos Namorados*.

Transcrevemos uma última passagem ilustrativa também da função catafórica a que se presta a EI:

«É tal a desatenção e tanta a apatia da nossa classe intelectual, que **nem uma só alma** reparou. É típico. E é confrangedor. Miguel Torga acaba de escrever e publicar uma nova colecção de contos – e ninguém reparou...»
(2002:283)¹⁴⁹

Contrariamente aos três exemplos anteriores, a expressão *Nem uma só alma* possui um nível de significação muito mais circunscrito, pois, quaisquer que sejam os contextos linguístico-pragmáticos em esta possa surgir o seu valor fraseológico é apenas um, «ninguém» – o único que o autor poderia ter utilizado (ver sublinhado) como forma de recuperar à direita o que lançou metaforicamente à esquerda do seu texto.

Esta análise, permitindo-nos comprovar duas asserções, que passamos a transcrever, de dois linguistas especialistas na matéria, levar-nos-á a um outro ponto de abordagem: se por um lado, a EI, dada «a sua constituição, a sua frequência e a sua riqueza, não pode tratar-se de um elemento linguístico marginal e secundário» (Vilela, 2002a:106), e se, por outro, “retomar enunciados, nominalizando-os, [...] é uma tarefa cognitivamente complexa” (O. Figueiredo, 2003:241), cabe ao professor de Português levar os alunos a tomarem consciência deste dispositivo da língua e assegurar que o dominam com mestria. É neste sentido que, no âmbito do estudo fraseológico, propomos, no capítulo seguinte, algumas estratégias e actividades passíveis

¹⁴⁹ O título da crónica é: *Torga*.

de colocar em prática numa aula de Língua Portuguesa.

Parte II

As Expressões Idiomáticas na Aula de Português

1 - O Ensino da Gramática através das EIs

«Como tudo o que é metafísico, a harmonia entre o pensamento e a realidade procura-se na gramática de uma língua.»

Wittgenstein, Zettel, 55¹⁵⁰

«No pórtico real da Catedral de Chartres, erguido no século XII, a Gramática aparece figurada como uma severa dama armada de uma vara, tendo aos pés dois discípulos de cabeça curvada [...].»¹⁵¹

Aguiar e Silva

O ponto de partida para a elaboração deste capítulo foi a leitura e análise do artigo «As oito fichas de gramática», propostas por Luís Prista (1992). Estas fichas constituem oito exemplos de exercícios elucidativos de uma perspectiva lúdica do ensino da gramática, propiciadores de aprendizagem, permitindo dar aos alunos, nas aulas de Português, múltiplas ocasiões para um trabalho “laboratorial” sobre a língua.

Prista, no já citado artigo, afirma que a aula de Português deve ser encarada como uma oficina gramatical reservada à reflexão sobre a estrutura e funcionamento da língua. O mesmo autor propõe que nesta oficina

¹⁵⁰ Citado por MEC, 2002:121.

¹⁵¹ In Aguiar e Silva, Vítor Manuel, “Língua Materna e Sucesso Educativo”, comunicação apresentada no *Encontro sobre a Promoção do Sucesso Educativo*, organizado pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo, em colaboração com a Universidade do Minho, Braga, em 05 e 06 de Fevereiro de 1987.

gramatical os alunos sejam confrontados com dados da língua, fornecidos pelo professor ou por aqueles recolhidos segundo as orientações do docente.

A metodologia das «Oito Fichas» pressupõe que os discentes disponham de gramáticas, dicionários, prontuários, glossários e terminologias que se pretende se habituarão a conhecer e a usar. Observam os dados e, com o auxílio dos materiais de consulta indicados pelo professor, detectam regularidades e idiosincrasias, elaboram generalizações e realizam exercícios (propostos pelo docente) que lhes permitirão treinar e consolidar os conhecimentos adquiridos.

Não se pretende que o aluno continue a *olhar de soslaio* a gramática inerente à sua língua materna. O que se deseja é que os “Quicas”¹⁵², através da compreensão e da interiorização do modo de funcionamento da língua, se capacitem para o fruir da realidade fascinante que é a língua e que através dela possam perceber o mundo que os rodeia, para nele se exprimirem e se afirmarem de forma livre e consciente.

É neste sentido que propomos de seguida oito fichas de gramática, relativas a diferentes conteúdos gramaticais, tendo todas elas as expressões idiomáticas como denominador comum.

¹⁵² Designação que Luís Prista atribui terna e metaforicamente aos alunos.

2 - Fichas de Trabalho¹⁵³

¹⁵³ Cf. Propostas de correcção marcadas pela cor cinzenta.

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 1

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: conhecer expressões idiomáticas.

Objectivos específicos: identificar e utilizar expressões idiomáticas.

1. Junta uma à outra parte e reescreve a expressão idiomática.

Estar com os	ranho
Ferver em	esquerda
Deitar fogo pelos	orelha
Chorar baba e	sótão
Coisas do arco da	pouca água
Comer que nem um	velha
Ser um zero à	bico
Ser unha e	abade
Ficar com os olhos em	olhos
Ter macaquinhos no	carne
Ter a pulga atrás da	azeites

- Estar com os azeites
- Ferver em pouca água
- Deitar fogo pelos olhos
- Chorar baba e ranho
- Coisas do arco da velha
- Comer que nem um abade
- Ser um zero à esquerda
- Ser unha e carne
- Ficar com os olhos em bico
- Ter macaquinhos no sótão
- Ter a pulga atrás da orelha

2. Escolhe duas de que mais gostes e constrói uma frase para cada uma.

– O Luís *é um zero à esquerda* em futebol.

– Depois da nossa conversa, *fiquei com a pulga atrás da orelha*.

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 2

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: reconhecer expressões idiomáticas.

Objectivo específico: completar expressões idiomáticas e identificar o respectivo verbo.

1. Completa os espaços em branco com a(s) parte(s) em falta da expressão idiomática.

- Matar dois coelhos de uma cajadada só.
- Ser magro como um palito.
- Ter trunfos na manga.
- Ter olhos de carneiro (inho) mal morto.
- Tentar meter o Rossio na Rua da Betesga.
- Estar com a barriga a dar horas.
- Ser mais velho do que a Sé de Braga.
- Ser mais papista do que o Papa.
- Não ter papas na língua.
- Sem tugir nem mugir.

2. Sublinha correctamente o verbo integrante de cada expressão idiomática.

- a) Dormir/ ressonar como um anjinho.
- b) Pintar/custar couro e cabelo.
- c) Partir/dar com o nariz na porta.
- d) Atirar-se/correr a sete pés.
- e) Apanhar/ colher com a boca na botija.
- f) Chorar/vender gato por lebre.
- g) Correr/beber tudo às mil maravilhas.
- h) Ressuscitar/ bater em mortos.
- i) Andar/ligar com ela fígada.
- j) Arrotar/bocejar postas de pescada.
- l) Apertar/arranjar um trinta e um.

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 3

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: compreender o conceito de fraseologia.

Objectivo específico: distinguir *frase* e de *constituente*.

1. Coloca um V (verdadeiro) ou um F (falso) diante das alíneas que se seguem, consoante se tratar ou não de uma frase:

	V	F
a) Nós rimos forte e feio toda a noite.	X	
b) Fazer gato sapato.		X
c) Gastar mundos e fundos.		X
d) Hoje está a chover a cântaros.	X	
e) Às duas por três.		X

1.1 Torna verdadeiras as que consideraste falsas.

- O João *faz* sempre *gato sapato* da Maria.
- O Pedro *gasta mundos e fundos* com o futebol.
- Ele estava bem disposto e *às duas por três* desmaiou.

2. Reescreve todas as expressões idiomáticas que encontraste nas alíneas do ponto 1.

- Rir forte e feio
- Fazer gato sapato
- Gastar mundos e fundos
- Chover a cântaros
- Às duas por três

3. Indica as transformações/alterações/acréscimos que realizaste na correcção das alíneas falsas.

As EIs presentes nas alíneas b), c) e e) foram literalmente transcritas.

Nas alíneas a) e d), as EIs foram retiradas das frases e procedeu-se à conjugação do verbo no Infinitivo.

4. Refere a(s) conclusão(ões) a que chegaste.

Conclui-se que:

- uma EI não constitui por si só uma frase;
- o verbo pertencente à EI pode ser conjugado em diferentes tempos verbais «rimos» / «chove» e flexionado em número e pessoa «rimos» (nós) / «choveu» (ele expletivo).
- os elementos constitutivos da EI podem ser separados por outras palavras «O João *faz sempre gato sapato da* Maria.»

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 4

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: compreender o uso, no texto, da fraseologia como uma frase.

Objectivo específico: contextualizar expressões idiomáticas.

Preenche os espaços do texto em branco com a expressão idiomática adequada.

Ana: João, sabes o que mais gosto de fazer nas tardes de Domingo?

João: Não faço ideia! Hum... Talvez, espera... Ver televisão, ler um bom livro, não sei, diz lá?

Ana: Estar de papo para o ar!

João: Assim, não sei se conseguirás passar de ano. As aulas têm corrido bem?

Ana: Até ver! Mudando de assunto, sabias que logo vai estrear a peça *O Auto da Alma*, no auditório de Gaia? Podíamos ir... Que dizes?

João: Se calhar é boa ideia! Mas, por outro lado...sair de casa com este frio... Não sei...

Ana: Ou sim ou sopas!

João: Tenho uma ideia muito, muito interessante. Que tal ficarmos aqui os dois juntinhos a ver o *Música no Coração?*...

Ana: Desce à terra! Até amanhã.

Ou sim, ou sopas

Desce à terra

Estar de papo para o ar

Até ver

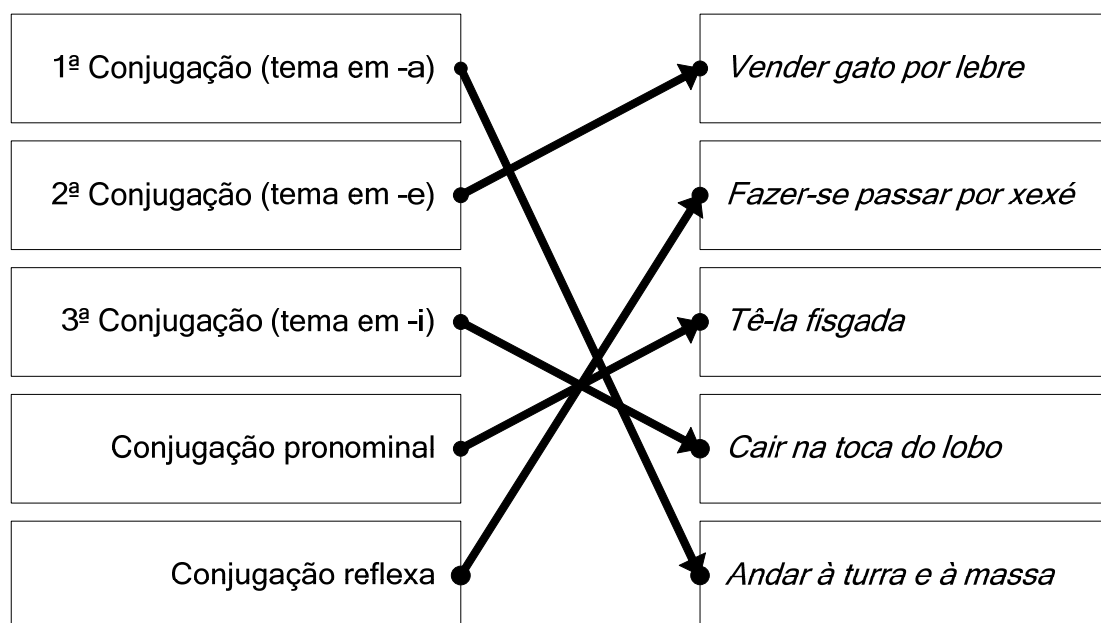
FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 5

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: Apreender conjugações e tempos/modos verbais a partir de fraseologias.

Objectivo específico: conjugar e flexionar correctamente os verbos.

- 1. Atendendo ao verbo de cada expressão idiomática, faz corresponder cada um dos itens da coluna da esquerda ao respectivo item da coluna da direita:**



2. Resolve as palavras cruzadas conforme as indicações que se seguem, usando o verbo presente na expressão idiomática:

Fazer trinta por uma linha

Horizontais:

- 1.** Pretérito Imperfeito do Indicativo.
- 4.** Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.
- 6.** Futuro do Indicativo.
- 9.** Condicional.

Verticais:

- A.** Presente do Conjuntivo.
- D.** Futuro do Conjuntivo.
- F.** Pret. Perfeito do Ind.; Idem.
- I.** Futuro do Conjuntivo.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1		F	A	Z	I	A			F
2									I
3				F		F			Z
4			F	I	Z	E	S	S	E
5				Z		Z			R
6	F	A	R	E	I				M
7	A			R					O
8	Ç					F			S
9	A		F	A	R	I	A	S	

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 6

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: compreender recursos estilísticos.

Objectivo específico: identificar os recursos estilísticos presentes nas EIs.

1. Indica o recurso estilístico correspondente às expressões inseridas em cada bloco.

Estar como peixe na água Correr como um galgo Ser claro como a água	Comparação
Ser um cadáver ambulante Trazer o rei na barriga Cair o Carmo e a Trindade	Hipérbole
Entregar a alma ao Criador Ir desta para melhor Esticar o pernil	Eufemismo
Fazer fraca figura A par e passo Elas não matam mas moem	Aliteração
Nem oito nem oitenta De levar e trazer Nem morto nem vivo	Antítese
Nem saber de que terra é Estar bem aviado Até vai de lado	Ironia

Eufemismo	Ironia	Hipérbole
Antítese	Comparação	Aliteração

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 7**Níveis de ensino:** 7º/8º/9º anos.**Objectivo geral:** compreender diferentes registos de língua.**Objectivo específico:** reconhecer e identificar no discurso os registos de língua veiculados pelas fraseologias.**1. Preenche o quadro que se segue conforme o exemplo.**

A forma como se fala	Quem se dirige a quem?	Registo de língua usado
EX: Sr. Dr. <i>estarei à disposição</i> para repetir a ecografia.	O paciente para o médico	Cuidado
Ó amiga, tu hoje não <i>dás uma para a caixa!</i>	Uma amiga para outra amiga	Familiar
No meio campo, Isaías <i>entrando pelas costas</i> de Mané, perde o esférico.	O relator desportivo para os ouvintes/telespectadores	Popular
Meus irmãos, rogai por nós, pois, hoje, <i>acabou o período de graça.</i>	O sacerdote para os fiéis	Cuidado
Réu – Sr. Dr. Juiz não <i>vire as costas ao</i> meu caso!	O réu para o juiz	Familiar
Pai, sabes que ando a <i>fazer olhinhos à</i> Ritinha?	O filho para o pai	Familiar
Ó pá, vamos <i>dar de frosques</i> , vem aí o dono da casa.	O ladrão para o colega	Popular

FICHA DE FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA Nº 8

Níveis de ensino: 7º/8º/9º anos.

Objectivo geral: compreender a hiperonímia.

Objectivo específico: reconhecer e encontrar hipónimos (presentes em fraseologias) a partir do hiperónimo fornecido.

- 1. De acordo com os exemplos apresentados, encontra três expressões idiomáticas em que, pelo menos, um dos seus elementos constitutivos seja um hipónimo da palavra destacada.**

Ex 1:

PEIXE
Ficar em águas de <u>bacalhau</u> Arrotar postas de <u>pescada</u> Armar-se em <u>carapau</u> de corrida.

Ex 2:

CORPO HUMANO
Bater com o <u>nariz</u> na porta Estar com a <u>mão</u> na massa Dar um <u>pé</u> de prosa

ANIMAL
Fazer <u>gato</u> sapato (de alguém) Ser uma <u>mosca</u> morta Andar às <u>aranhas</u>

FRUTA
Encontrar/Ser a <u>cereja</u> no cimo do bolo Ser um <u>figo</u> Levar/Apanhar um <u>pêro</u>

NÚMERO
Estar entre as <u>dez</u> e as <u>onze</u> Arranjar um <u>trinta e um</u> Fazer <u>trinta</u> por uma linha

VESTUÁRIO
Bater a <u>bota</u> Meter-se numa <u>camisa</u> de onze varas Ser um vira- <u>casaca</u>

ALIMENTO
Ter a faca e o <u>queijo</u> na mão Mandar cavar <u>batatas</u> Pagar as <u>favas</u>

COR
Dar/Ter carta <u>branca</u> Ficar <u>vermelho</u> de raiva Ficar <u>azul/verde</u>

Caberia ao professor a decisão de dar as oito fichas em duas ou em três aulas seguidas, ou distribuídas ao longo de um período/ ano lectivo.

Como sugestão final, o professor poderia, no primeiro período, pedir aos alunos que construíssem um *portfolio* – cuja elaboração se realizaria ao longo do ano e a respectiva entrega no final do ano lectivo – com recortes ou transcrições de fraseologias a partir de textos autênticos, de anúncios publicitários e que as catalogassem de acordo com determinados objectivos previamente concebidos e transmitidos pelo professor: classificá-las quanto ao registo de língua e consequente intencionalidade do locutor; atribuir-lhes no contexto o respectivo valor metafórico; descobrir a motivação inerente ao seu aparecimento (origem histórica/cultural subjacente), entre outros objectivos que os próprios alunos descobrissem e que, com a mediação do professor, fossem considerados pertinentes.

3 - Reflexão pedagógico-didáctica

«[...] *na aula, a língua é não só o meio mas simultaneamente objecto e objectivo.*»¹⁵⁴

Irene Fonseca

A língua é a base de toda a actividade pedagógica. A aprendizagem do Português, língua materna – importância de que felizmente hoje ninguém duvida – tem especificidades próprias que a distinguem das outras aprendizagens e disciplinas do saber. A aula de Português caracteriza-se pela metalinguagem, pois ensina-se a língua através da língua. Essa aprendizagem reflecte-se também de forma incontestável noutras áreas curriculares, já que um aluno que domine correctamente a sua língua maior é a probabilidade de ter sucesso noutros domínios.

É em Português, e de forma mais ou menos correcta, que o aluno organiza o(s) seu(s) conhecimento(s), estrutura o seu pensamento, interioriza novos saberes e expressa as suas ideias, os seus pontos de vista, as suas intenções, os seus pareceres e sentimentos. É por via da oralidade e da escrita que o aluno - salvo casos patológicos - não só expõe o conhecimento que detém sobre o mundo como também busca novas aquisições.

Assim, quanto mais sólidas e bem estruturadas forem as suas aptidões linguísticas, maior será a capacidade de o aluno compreender, relacionar, questionar, argumentar e avaliar a realidade, independentemente do ramo científico e tecnológico pelo qual possa enveredar.

¹⁵⁴ Cf. FONSECA, I., (1994:25).

Não basta, no entanto, saber falar ou ler “bem” e saber escrever “correctamente”. É fundamental que o aluno saiba adequar o seu discurso falado ou escrito às várias situações de comunicação e aos cada vez mais exigentes contextos comunicacionais desta nova era da informação. Constituem dados estatísticos alarmantes a grossa taxa de iliteracia no nosso país.

É de crucial importância que a aula de Português, língua materna, forneça aos alunos ferramentas diversificadas e usos vários da língua capazes de os dotar de uma maior consciência sobre a complexidade de que se reveste a aprendizagem, o domínio e o uso da língua. Só assim poderemos formar indivíduos linguisticamente competentes.

O uso consciente e adequado da nossa própria língua constitui por si só a maior riqueza que o ser humano adquire após o nascimento. É através dele que nos conhecemos, nos definimos, que nos posicionamos perante nós mesmos, os outros e o mundo.

Aprender a falar – exceptuando alunos com necessidades educativas especiais – está ao alcance de todos, pois, e corroborando as teorias de Chomsky¹⁵⁵, há no ser humano uma predisposição genética para a aquisição quase inconsciente da linguagem. À escola, mais concretamente, ao espaço da aula de Português cabe o deveras importante papel de ensinar a língua. A língua encarada não só como um poderoso instrumento de comunicação com os outros e com o mundo, mas também enquanto elemento de representação

¹⁵⁵ Cf. CHOMSKY, Noam, 1986:35-66.

cultural, abrangendo manifestações como os costumes, comportamentos, crenças e valores humanos – concomitantemente a própria cultura é ela mesma manifestada pela forma linguística de que se reveste.

Neste capítulo procurámos apresentar algumas propostas relativas ao ensino das EIs, a fim de combinar o aspecto linguístico, discursivo e cultural no processo de ensino da língua materna.

A selecção das EIs como conteúdo de aprendizagem tem como objectivos levar o aluno a enriquecer o seu vocabulário e espólio cultural e ainda elevar a sua capacidade técnica de expressão e consciência sobre o correcto funcionamento da língua.

Foi nossa pretensão demonstrar que as EIs constituem um fenómeno linguístico de elevado valor didáctico pelas suas potencialidades várias no ensino-aprendizagem da língua. Elas constituem um meio profícuo, como vimos, para que o aluno atinja determinados objectivos próprios da aula de Português.

Conclusão

Andar à deriva, ver-me grega e chegar a bom porto – eis, fraseologicamente falando, as três etapas pelas quais se pautou a elaboração desta dissertação.

A primeira expressão cristalizada define metaforicamente as dificuldades, dúvidas e incertezas com as quais me deparei aquando da escolha de um caminho, de uma direcção a seguir e não tanto na selecção de um tema de trabalho. A escolha das fraseologias como tema de trabalho não constituiu obstáculo algum, pois, desde o início do meu primeiro ano de mestrado, graças às reflexões feitas pela Professora Doutora Olívia Figueiredo no âmbito do seminário de Pedagogia da Gramática, estive determinada a trabalhá-lo.

Permitindo-me um registo de língua mais popular, introduzi, como espelho da segunda fase deste estudo, a expressão flexionada *vi-me grega* que tão expressivamente traduz a ansiedade, o desespero e a frustração por mim experimentados: a ansiedade pela busca incessante de autores/obras sobre o tema; o desespero pela conformação de que existem poucas publicações na área; e, ainda, a frustração pela insuficiente obtenção bibliográfica.

Finalmente, o momento em que redijo estas considerações finais marca a minha e a nossa *chegada* ao tão desejado *porto*. Como qualquer chegada implica um percurso, passo a relatar o caminho que trilhámos desde o momento da nossa partida.

Na génese da primeira parte deste trabalho, a qual denominámos «As

Expressões Idiomáticas no Discurso / no Texto» esteve subjacente a curiosidade em aprofundar e solidificar de forma sistematizada o pouco ou quase nulo conhecimento existente sobre o comportamento e o papel das EIs ao nível do discurso. Para tal, seleccionámos como objecto de estudo duas obras de Miguel Esteves Cardoso, nomeadamente, *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* e *A Causa das Coisas*.

Interessou-nos, assim, numa primeira fase, a qual intitulámos «Adaptação flexional em contexto discursivo», proceder ao levantamento indiscriminado de todas as EIs presentes nos referidos textos, com vista à sistematização do maior número possível de denominadores comuns ligados à variação adaptacional e flexional das fraseologias em co(n)texto discursivo-textual.

Delineámos, numa segunda fase, no subcapítulo «Contributos modalizadores da EI sobre o discurso relatado», as várias contribuições que as fraseologias aportam ao DR. Procurámos, assim, dar a conhecer os diferentes procedimentos linguístico-discursivos veiculados pelos idiomatismos, exemplificando sempre com os segmentos textuais que a nosso entender melhor ilustravam a nossa tomada de posição e linha argumentativa. Identificámos e analisámos, então, as cinco extraordinárias capacidades e propriedades intrínsecas às próprias EIs: não só condicionam o verbo *dicendi*, como também são capazes de o substituir; caracterizam o enunciador-primeiro e ainda o discurso por este proferido; denunciam de forma visível a presença do locutor-relator.

Ainda no âmbito do capítulo «As Expressões Idiomáticas no Discurso /

no Texto», optámos na terceira e última etapa, intitulada «Contribuição referencial da EI na estruturação textual», por apresentar global e sinteticamente o quadro em que se situa a anáfora nominal, destacando do conjunto das anáforas, e de acordo com o propósito deste subcapítulo, a anáfora por nominalização. Pudemos, então, verificar, a partir de excertos autênticos, que também neste âmbito as fraseologias *têm algo a dizer*, uma vez que para além do seu funcionamento coesivo e de progressão textual, encerram a função discursiva de condensadora de informação, com valor resumativo e meta-discursivo. Assinalámos, ainda neste subcapítulo, que o A. retoma a instância discursiva não só com recurso à anáfora, mas também pelo viés de mecanismos catafóricos, impedindo, desta forma, o leitor de *perder o fio à meada*.

As propostas pedagógico-didácticas constituem o último capítulo desta dissertação. Estruturado tripartidamente, na primeira parte, elaborámos um pouco sobre o ensino da gramática e sobre o autor que nos serviu de referência para a concepção da parte seguinte; na segunda parte, apresentámos oito fichas de trabalho, demonstrando ser possível recorrer às EIs como forma de ensinar e apreender diferentes conteúdos sobre o funcionamento da língua; na terceira e última parte, esboçámos o quadro geral em que se insere o ensino/aprendizagem do Português, língua materna, reflectindo sobre a sua importância e alcance inquestionáveis.

Calcorreado este longo percurso, devo confessar que foram muitas as *pedras no sapato* que consegui expelir, mas, com toda a certeza, em maior número serão aquelas que lá residirão, ou seja, foram muitas as falhas e

sobretudo os erros que ora consegui superar, ora, revelando-se invencíveis, cá permanecerão para sempre...

No entanto, «de todos os erros possíveis, o maior não o cometi: justamente o de não correr o risco de errar».^{156 157}

¹⁵⁶ FERREIRA, Vergílio, *Conta-Corrente V*:583.

¹⁵⁷ Citado por FONSECA, Irene, 1994:19. *Pedagogia da Escrita - Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

Corpus

A

A cara metade

A ferro e fogo

A olhos vistos

A par e passo

A passo de caracol

A passo de monge

À toa

A torto e a direito

A trouxe-mouxe

À vista desarmada

À vontade do (s) freguês(es)

Abaixo de besta / de estúpido

Abrir caminho a

Acertar agulhas

Altos e baixos

Andar a butes com alguém

Andar à deriva/ às aranhas

Andar à turra e à massa

Andar aos caídos

Andar às aranhas

Andar às direitas

Andar com ela fígada

Andar em poucas-vergonhas

Andar na boa vai-ela

Andar na boa vida

Andar na borga

Andar na farra

Andar na lua

Andar na moina

Andar nas nuvens andar tudo às mil maravilhas

Andar para a frente com algo
Ao Deus-dará
Ao ponto de
Aos olhos de
Aos poucos
Apanhar (alguém) com a boca na botija
Apanhar uma piela
Apertar o cinto
Armar-se em carapau de corrida
Arrancar do lombo
Arranjar lenha para se queimar
Arranjar um trinta e um
Arrotar postas de pescada
Às avessas
Às duas por três
Atar e pôr ao fumeiro
Atar o burro
Até fartar
Até vai de lado
Até ver
Atirar pedregulhos
Atirar-se ao assunto

B

Bater a bota
Bater as pestanas
Bater com o punho na mesa
Bater em mortos
Bater no ceguinho
Bater no fundo do poço
Bater no morto
Bater sempre na mesma tecla

Beber como um cacho

Bradar aos céus

Buscar uma agulha no palheiro

C

Cair das nuvens

Cair de cu

Cair de joelhos

Cair de lado

Cair do céu

Cair em cesto roto

Cair na boca do leão

Cair na toca do lobo

Cair no goto

Cair no ouvido

Cair no poço

Cair o Carmo e a Trindade

Cair o coração aos pés

Cair o queixo

Cair os parentes na lama

Camarada da onça

Chata como a potassa / o herpes

Chega e sobra

Chegar a bom porto

Chegar ao pé de algo/alguém

Chegar sobre o tarde

Chorar baba e ranho

Chorar que nem uma Madalena

Chover a cântaros

Chover a potes

Chupar com algo/alguém

Coisas do arco-da-velha

Com unhas e dentes
Começar a aquecer
Começar a ferver
Comer (alguém) com os olhos
Comer pela mesma medida
Comer que nem um abade
Como quem não quer a coisa
Cor do burro quando foge
Cor do cavalo branco de Napoleão
Correr a sete pés
Correr a trás de algo/alguém
Correr como um galgo
Correr tudo às mil maravilhas
Criar carapaça
Custar couro e cabelo
Custar os olhos da cara

D

Dar à sola
Dar aos calcantes
Dar azo a
Dar cabo de algo/alguém
Dar carta branca
Dar com o nariz na porta
Dar corda aos sapatos
Dar de caras com algo/alguém
Dar de frosques
Dar dois dedos de conversa
Dar facadas nas costas de alguém
Dar música (a alguém)
Dar o grito de alarme
Dar o pontapé de saída

Dar palmadas nas costas de alguém
Dar pano para mangas dar uma mão (mãozinha)
Dar tudo por tudo
Dar um dedo (inho) de
Dar um jeitinho
Dar um pé de prosa
Dar-se ao luxo
Dar-se ao trabalho de
De cor e salteado
De levar e trazer
De punhos no ar
De trás para a frente
Deitar água na fervura
Deitar as mãos a algo/alguém
Deitar fogo pelos olhos
Deitar pérolas a porcos
Deixar ao acaso
Deixar claro
Deixar-se embeigar
Deixar-se levar
Desbarrigar-se a rir
Descer à terra
Desfazer-se em prantos
Dizer ao ouvido
Dizer bem de algo/alguém
Dizer mal de algo/alguém
Dizer por dizer
Do pé para a mão
Doer a alma
Dormir como um anjinho

E

Elas não matam mas moem

Em águas de bacalhau

Encher chouriços

Enchourigar o juízo

Encolher os ombros para algo/alguém

Enterrar-se até ao pescoço

Entrar pelas costas de alguém

Entregar a alma ao Criador

Escolher a dedo

Espremer os miolos

Estar à beira de

Estar a braços com

Estar a cair de podre

Estar à disposição

Estar a nadar em dinheiro

Estar à porta

Estar à rasquinha

Estar à vista

Estar abaixo de alguém

Estar acima de alguém

Estar bem aviado

Estar bem bebido

Estar borracho

Estar com a mão na massa

Estar com manias

Estar com os azeites

Estar como peixe na água

Estar de papo para o ar

Estar do lado de algo/alguém

Estar em período de graça

Estar entre as dez e as onze

Estar gagá / xéxé

Estar Inês-da-Horta

Estar na mó de baixo

Estar na mó de cima

Estar nas tintas para algo/alguém

Estar no prelo

Estar por um fio

Estar preso pela cintura /corda

Estar queimado

Estar-se a marimbar/ a borrifar / a ralar

Esticar o pernil

F

Falar com os seus botões

Fazer a coisa

Fazer a fineza

Fazer arranjos

Fazer calo

Fazer encomendas / omeletas

Fazer figura de parvo

Fazer figuras

Fazer fita(s)

Fazer força na cabeça

Fazer fraca figura

Fazer frete(s)

Fazer má figura

Fazer o jeito

Fazer olhinhos a alguém

Fazer questão de

Fazer questão de sublinhar

Fazer trinta por uma linha

Fazer umas habilidades

Ferver em pouca água

Ficar a apodrecer

Ficar amarelo / azul

Ficar com os olhos em bico

Ficar de mãos nos bolsos

Ficar de perna aberta

Ficar de rastos

Ficar especado

Ficar lavada em lágrimas

Ficar mergulhado até ao pescoço

Ficar vermelho de raiva

G

Gastar mundos e fundos

I

Iniciar uma jogada

Ir à vida

Ir desta para melhor

Ir em famelga

Ir pelo poço abaixo

Ir por água abaixo

Ir-se abaixo

J

Já cá não está quem falou

L

Lançar achas para a fogueira

Lançar os dados

Ler nas entrelinhas

Levantar o véu

Levar a água ao seu moinho

Levar a taça

Levar as coisas longe de mais

Levar as coisas mais longe

Levar na boa

Levar na cabeça

Levar no bucho

Levar pela mesma tabela

Levar por tabela

Levar tudo direitinho

Levar um pêro / sopapo

M

Mandar bocas

Mandar cavar batatas

Marcar presença

Matar dois coelhos com uma cajadada só

Matar o bicho

Meter água

Meter o nariz onde não se é chamado

Meter-se ao barulho

Meter-se nos copos

Meter-se numa camisa de onze varas

Mexer o rabo

Misturar alhos com bugalhos

Modorra vilar-de-mourisca

Montar o cerco a alguém

Montar um esquema

Morrer de medo

Mostrar a sua raça

N

Não aquece nem arrefece

Não arrumar bem a roupa na mala

Não bater bem as bolas
Não bater bem da bola / da mona
Não brincar em serviço
Não cair no goto
Não cair no ouvido
Não dar uma para a caixa
Não estar a nadar em dinheiro
Não gramar algo/alguém
Não ir à bola com algo/alguém
Não largar o osso
Não lembrar o diabo
Não passar pela cabeça
Não poder com algo/alguém
Não pôr as mãos no fogo por alguém
Não regular da cabeça
Não sair da frente de alguém
Não se prender com algo/alguém
Não ser troca-tintas
Não ter chá
Não ter papas na língua
Não ter um tuste
Não ter vergonha na cara
Não tirar os olhos de algo/alguém
Não trabalhar para aquecer
Não trocar palavras com alguém
Não ver com bons olhos
Nem morto nem vivo
Nem oito nem oitenta
Nem por sombras
Nem saber de que terra é
Nem tudo o que vem à rede é peixe
Nem uma alma

Nos subúrbios da Tijuana

O

O cu não tem a ver com as calças

O diabo a sete

O diabo que teceu

Oferecer de mão-beijada

Olhar à sua volta

Olhar de lado para algo/alguém

Olhar de soslaio

Ou sim ou sopas

P

Pagar as favas

Partir para a batalha

Passar à história

Passar a pente fino

Passar ao largo

Passar pela cabeça

Pé ante pé

Pela calada

Pela hora da morte

Perder-se de amores por algo/alguém

Pôr algo/alguém de lado

Pôr as mãos no fogo por alguém

Por dá cá aquela palha

Pôr em pratos limpos

Por estas e por outras

Por o dedo na ferida

Por obra do diabo / do Espírito Santo

Pôr ovos podres

Por portas e travessas

Por que carga de água

Por que chusma de nêspas

Por que raio

Puxar de galões

Q

Qual carapuça

Quando o rei faz anos

Queimar as pestanas

Queimar massa

R

Raios partam se

Receber algo/alguém de braços abertos

Rir forte e feio

Rir-se para dentro

S

Saber de si

Sair de cena / de jogo

Sair do pêlo / do corpo

Sair um peso de cima das costas

Sair-se caro

Saltar para a espinha

Saltar para cima de algo/alguém

Sem mais nem menos

Sem tugar nem mugir

Semear o caos / a discórdia

Ser a cereja no cimo do bolo

Ser boa pessoa

Ser boa rez

Ser broina

Ser canja

Ser claro como a água

Ser dado a algo
Ser de armas
Ser esperto como um alho
Ser estraga-prazeres
Ser feia(o) como breu
Ser má pessoa
Ser má rez
Ser magro como um palito
Ser mais papista do que o Papa
Ser mais velho do que a Sé de Braga
Ser má-língua
Ser novinho em folha
Ser troca-tintas
Ser um amor em pessoa
Ser um cadáver ambulante
Ser um figo
Ser um filho-da-mãe / disto-e-daquilo
Ser um João-Fernandes
Ser um malabarista
Ser um mar de rosas
Ser um pequeno diabo
Ser um vira-casaca
Ser um zero à esquerda
Ser uma alma penada
Ser uma besta / um molenga / um frique
Ser uma cana-rachada
Ser uma mosca morta
Ser unha e carne
Soltar indirectas
Subir à cabeça
Subir a mostarda ao nariz
Subir o estômago à boca

T

Tão certo como dois e dois serem quatro

Tê-la fisgada

Tentar meter o Rossio na Rua da Betesga

Ter a papinha toda feita

Ter a pulga atrás da orelha

Ter a temeridade de

Ter algo/alguém na cabeça

Ter as costas largas

Ter as costas quentes

Ter chá

Ter dó de alguém

Ter falta de chá

Ter força na verga

Ter juízo

Ter macaquinhos no sótão

Ter o caldo entornado

Ter o desassombro de

Ter o estômago/a barriga a dar horas

Ter olhos de carneiro mal morto

Ter trunfos na manga

Ter um baque

Ter um parafuso a menos

Ter vergonha na cara

Tirar nabos da púcara

Tomar alguém nos braços

Trabalhar para aquecer

Trabalhar para o boneco

Trazer a lume

Trazer água no bico

Trazer ao de cima

Trazer em mente

Trazer o rei na barriga

Trocar palavras com alguém

U

Um nadinha de

Um sem número de

V

Varrer da memória

Vender a alma ao diabo

Vender gato por lebre

Vender o seu peixe

Ver-se grego

Verter mágoas

Vir à última da hora

Vir em cima da hora

Virar a cabeça a alguém

Virar as costas a algo/alguém

Voltar à vaca-fria

Bibliografia

- ADAM, Jean-Michel, 1994. De la phrase au texte : cohésion et progression thématique. In *Le Texte Narratif*: 123-133. Paris : Éditions Nathan.
- ADAM, Jean-Michel, 1994. Le texte comme suite de séquences. In *Le Texte Narratif*: 149-166. Paris : Éditions Nathan.
- ADAM, Jean-Michel, 1999. De la phrase au (x) texte(s). In *Linguistique Textuelle* : 43-79. Paris : Éditions Nathan.
- AMOR, Emília, 1997. *A Didáctica do Português: Fundamentos e Metodologia*, 4ª ed. Lisboa: Texto Editora.
- BAKHTINE, Mikhail, 1977. *Le Marxisme et la Philosophie du Langage - essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. Paris : Les Éditions de Minuit.
- BOGGARDS, P., 1988. «Dictionnaires pédagogiques et apprentissage du vocabulaire». In *Cahiers de Lexicologie*, LIX, II : 93-167.
- BRONCKART, et alii. 1985. *Le Fonctionnement des Discours, Un Modèle Psychologique et une Méthode d'Analyse*. Neuchâtel-Paris : Delachaux et Niestlé, Éditeurs.
- CALDERON CAMPOS, M., 1994. *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada: Universidad de Granada.
- CARDOSO, Miguel Esteves (MEC), 1999. *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, 6ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CARDOSO, Miguel Esteves (MEC), 2002. *A Causa das Coisas*, 17ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim.

CHOMSKY, Noam, 1986. *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa, Editorial Caminho.

COLLÈS, Luc et alii, 2001. « Didactique des langues romanes: le développement de compétences chez l'apprenant - Actes du colloque de Louvain-la-Leuve, 27-29 janvier 2000 ». In *Savoirs en Pratique*. De Boeck Duculot.

COMBETTES, Bernard, 1990. « Énoncé, énonciation et discours rapporté ». In *Pratiques*, n. ° 65 : 97-111.

COSERIU, Eugen, 1977. *Principios de semántica estructural*, Madrid: Gredos.

COSERIU, Eugen, 1979. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral. Cinco estudos*. Rio de Janeiro, Presença/Editora da Universidade de São Paulo.

COURTILLON - LECLERQ, 1976. « Relations sémantiques et constructions. » : 47-61. In *Pédagogie du Discours Rapporté*, sous la direction de Hélène Gauvenet. Paris : Librairie Marcel Didier.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, (1984) 1997. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 13ª edição.

DANES, F., 1966. « The relation of centre and periphery as a language universal ». In *TCLP, II: Le problème du centre et de la périphérie du système de la langue* : pp. 9-21.

DANLOS, L. (ed.), 1988. « Les expressions figées ». In *Langages*, 90. Paris : Larousse.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea - Academia das Ciências de Lisboa, 2001. Lisboa: Editorial Verbo.

- DUARTE, Inês, 2001. «Uso da língua e criatividade». In *Actas do Colóquio A Linguística na Formação de Professores de Português*: 107-123. Porto: CLUP.
- DUARTE, Isabel M, (1992) 1994. "O oral no escrito: abordagem pedagógica" In *Pedagogia da Escrita - Perspectivas*. Porto: Porto Editora, Colecção Linguística.
- ETTINGER, S., 1982. «Formación de palabras y fraseología en la lexicografía». In *Haensch et al.*: 233-258.
- FIGUEIREDO, Olívia, (1992) 1994. "Escrever: da teoria à prática". In *Pedagogia da Escrita - Perspectivas*: 155-171. Porto Editora, Colecção Linguística.
- FIGUEIREDO, Eunice et FIGUEIREDO, Olívia. 2001a. *Itinerário Gramatical. A gramática na Língua e a Língua no discurso*. Porto: Porto editora.
- FIGUEIREDO, Olívia, 2001b. "Considerações sobre o emprego da anáfora nominal em textos de alunos". In *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, XVIII: 395-410. Porto.
- FIGUEIREDO, Olívia, 2001c. "Como intratextualizam os alunos a denominação lexical genérica? In *A Linguística na Formação do Professor de Português*: 189-200. Porto: Clup.
- FIGUEIREDO, Olívia, 2002. "O procedimento reclassificatório da anáfora resumativa: A propósito de *A Caverna* de José Saramago". In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, volume 2: 217-230. Porto: CLUP.

- FIGUEIREDO, Olívia, 2003. *A Anáfora Nominal em Textos de Alunos - A Língua no Discurso*: 215-320. Fundação Calouste Gulbenkian: Dinalivro.
- FIGUEIREDO, Olívia, 2005. «"Pobre o que quer é comer" ou os estereótipos de linguagem em Vagão 'J' de Vergílio Ferreira». In *Prelis - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*.
- FONSECA, Fernanda Irene, (1985) 1994. "Competência narrativa e ensino da língua materna". In *Gramática e Pragmática - Estudos de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. 107-115. Porto Editora, Coleção Linguística.
- FONSECA, Fernanda Irene, (1985) 1994. Competência narrativa e ensino da língua materna. In *Gramática e Pragmática - Estudos de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. 107-115. Porto Editora, Coleção Linguística.
- FONSECA, Fernanda Irene, (1991) 1994. A urgência de uma pedagogia da escrita. In *Gramática e Pragmática - Estudos de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. 147-176. Porto Editora, Coleção Linguística.
- FONSECA, Fernanda Irene, 1992. *Deixis, Tempo e Narração*: 135-139. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- FONSECA, Fernanda Irene et alli, 1994. *Pedagogia da Escrita - Perspectivas*. Porto Editora, Coleção Linguística.
- FONSECA, Joaquim, 1994. «Coerência do texto». In *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. 181-193. Porto Editora, Coleção Linguística.

- FUNK, Maria Gabriela; FUNK, Matthias. 2001. *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa*. Lisboa : Edições Salamandra.
- GAATONE, David, 1990. *À quoi sert la notion d'«expression figée» ?*, Bulag, Lexique, Syntaxe et Sémantique : 265-308. Mélanges offerts à Gaston Gross, Besançon : Pufc, Centre Lucien Tesnière.
- GENETTE, G., 1977. «Récit de paroles». In *Figures III* : 189-203. Paris : Seuil.
- GAUVENET, H., 1976. «Du discours direct au discours rapporté ou les avatars d'un énoncé.» : 7-27. In *Pédagogie du Discours Rapporté*, sous la direction de Hélène Gauvenet. Paris : Librairie Marcel Didier.
- GROSS, Maurice, 1982. «Une classification des phrases figées en français». In *Actes du Colloque de Rennes*. Amsterdam : Benjamins.
- GROSS, Maurice, 1988. «Les limites de la phrase figée». In *Langages*, 90. Paris: Larrousse.
- GROSS, Gaston, 1996. *Les expressions figées du français*, Paris : Ophrys.
- HAENSCH, G./Wolf, L./Ettinger, S., 1982. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- HUNDT, Christine, 1994. *Construções de verbo + substantivo: estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia*. Porto: Revista da Faculdade de letras.
- HUTCHINS, W.J./Sommers, H. L., 1995. *Introducción a la traducción automática*. Madrid: Visor.

- Kleiber, Georges, 1984. *Recherches en Pragma-Semantique*. Paris: Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Metz.
- LAKOFF, G./Johnson, 1991 (1970). *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Cátedra.
- LAPA, M. Rodrigues, 1984. *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- LEECH, Geoffrey, 1974. *Semantics*.
- LEECH, Geoffrey/ SVARTVIK, Jan, 1975. *A communicative grammar of English*.
- LEECH, Geoffrey, 1980. *Explorations in semantics and pragmatics*.
- LEECH, Geoffrey, 1981. *Semantics: the study of meaning*.
- MARTINS-BALTAR, M., 1976. «Les verbes Transcripteurs du Discours Rapporté» : 63-72. In *Pédagogie du Discours Rapporté*, sous la direction de Hélène Gauvenet. Paris : Librairie Marcel Didier.
- MATEUS, Maria Helena *et alii*, 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MELO, Leonor J. M., 2001. *Os Textos Tradicionais na Aula de Português : os provérbios*. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- MELCHUK, I. A./Clas, A. / Polguère, A., 1995. *Introduction à la Lexicologie Explicative et Combinatoire*. Louvain-la-Neuve : Duculot.
- MOIRON, S., 1976. «Propositions pour une didactique du discours rapporté.» : 29-45. In *Pédagogie du Discours Rapporté*, sous la direction de Hélène Gauvenet. Paris : Librairie Marcel Didier.

MOON, Rosamund, 1998. *Fixed expressions and idioms in English*. Oxford: Clarendon.

MINEIRO, Ana, 2003. «*What Kind of multi-word units in the nautical discourse? - A study based in a linguistic corpus.*» Comunicação apresentada à 3ª Conferência Internacional de Terminologia Marítima, organizada pelo ILTEC, Lisboa.

NEVES, Orlando, 1991. *Dicionário de Frases Feitas*. Porto: Lello & Irmão, Ed.

NIQUET, G., 1987. *Structurer sa Pensée- Structurer sa Phrase* : 6-12. Paris: Hachette.

PALM, Christine, 1995. *Phraseologie. Eine Einführung*.Tübingen: Narr.

PASTOR, Gloria Corpas, 1995. *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*. Universidad de Málaga (servício de publicaciones e intercambio científico).

PASTOR, Gloria Corpas, 1996. *Manual de fraseología*. Madrid: Gredos.

PASTOR, Gloria Corpas, 2000. *Las Lenguas de Europa: estudios de fraseología, fraseografía y traducción*. Granada: Comares.

PASTOR, Gloria Corpas, 2003. *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*. Madrid: Iberoamericana.

PESTANA, Gilda M. N. A., 2004. *A Função do Verbo no Texto Proverbial: o verbo como instanciador lexical, modal, temporal e aspectual*. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade da Madeira.

- PRISTA, Luís, 1992. "Mar, Maria, Dadinha, Cunha, Tentar que digam que consideramos que, Anticonstitucionalissimamente, Off-side, Falabaláqueo, ou *Oito fichas de gramática*". In DELGADO-MARTINS, M. R. et al., *Para a Didáctica do Português - Seis Estudos de Linguística*. 119-163. Lisboa: Colibri.
- PRISTA, Luís, 1994. "Como dar gramática". In *Desenvolvimento Curricular e Didáctica das Disciplinas*. 371-384. Lisboa: Association Francophone Internationale de Recherche en Sciences de l'Éducation/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- PRISTA, Luís, 1998. "Textos e preparação do ensino". In *A Língua Mãe e a Paixão de Aprender. Actas do 2º Encontro de Professores de Português, Homenagem a Eugénio de Andrade*. 36-52. Porto: Areal Editores.
- RODRIGUES, I. G./CORDAS, J./MOUTA, M., 2003. «Porque é que a cabeça deita fumo? Metáforas em idiomatismos do português, francês e alemão» In *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes - Volume Comemorativo dos 25 anos do CLUP*. 147-184. Porto: CLUP.
- RODRIGUES, Lapa, M., 1984. *Estilística da Língua Portuguesa*, 11ª edição revista, Coimbra: Coimbra Editora.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte, 2001. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasemas, pragmatemas*. Braga: Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos.
- SANTOS, Aida, (1992) 1994. "A escrita no ensino secundário". In *Pedagogia da Escrita - Perspectivas*. 21-44. Porto Editora, Colecção Linguística.

- SANTOS, António Nogueira, 1990. *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- SANTOS, Maria Alice Moreira, 2000. *Dicionário de provérbios, adágios, máximas, aforismos e frases feitas*. Porto: Porto editora.
- SANTOS, Odete, 1994. "Um modelo de estratégia de ensino-aprendizagem da escrita na aula de língua materna". In *Pedagogia da Escrita - Perspectivas*: 127-153. Porto Editora, Coleção Linguística.
- SCHEMANN, Hans e Schemann-Dias, s/d. *Dicionário idiomático português-alemão / Portugiesisch-deutsche Idiomatik* . Braga: livr. Cruz / Max Hueber Verlag.
- SERENO, Maria Helena Sampaio, 2002. «Provérbios e ironia na ficção de José Saramago». In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, volume 2: 83-97. Porto: CLUP.
- SERENO, Maria Helena Sampaio, 2003. «O sol, quando nasce é para todos - provérbio e ocorrências». In *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes - Volume Comemorativo dos 25 anos do CLUP*: 303-316. Porto: CLUP.
- STRASSLER, J., 1982. *Idioms in English: A pragmatic Analysis*. Tubingen
- VILELA, Mário, 1994. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário, 1995. *Léxico e Gramática*. Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário, 1999. *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Coimbra: Almedina.

VILELA, Mário, 2002a. «As expressões idiomáticas na língua e no discurso».

In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, volume 2:

159-189. Porto: CLUP.

VILELA, Mário, 2002b. *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.

VILELA, Mário, 2003. «Ter metáforas à flor da pele (ou outra forma de “ter

nervos”»). In *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes - Volume*

Comemorativo dos 25 anos do CLUP. 317-336. Porto: CLUP.

VILLALVA, Alina, «Aspectos Morfológicos da Gramática do Português». In

MATEUS, Maria Helena et alii, 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*.

Lisboa: Caminho.

WEINRICH, H. *Grammaire Textuelle du Français*. Paris : Didier/Hatier.

WEINREICH, U., 1969. «Problems in the analysis of idioms», in Fernando, C.

Idioms and Idiomaticity. OUP.